

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E





Consultoria fiscal e de gestão

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH
Duas décadas a apoiar empresas



p/ 06 e 07.

A importância dos emigrantes portugueses nas férias de verão. Por José Governo Realces. Por Philippe Fernandes, Presidente da AILD

p/ 14.

Grande Entrevista
Paulo Rangel, Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros

p/ 30.

CCP e as reformas eleitorais
Por Mário Francisco Ferreira, Conselheiro das Comunidades Portuguesas

N E S T A E D I Ç Ã O

p/ 38.

Artes e Artistas Lusos Inês Ribeiro
Por Terry Costa, Presidente do Conselho Cultural da AILD

p/ 46.

EurAfrican Forum 2024
Por Conselho da Diáspora Portuguesa

p/ 50.

Ambiente O papel da IA na sustentabilidade
Por Vítor Afonso

Obra de capa

Artista Plástica: Cristina Troufa

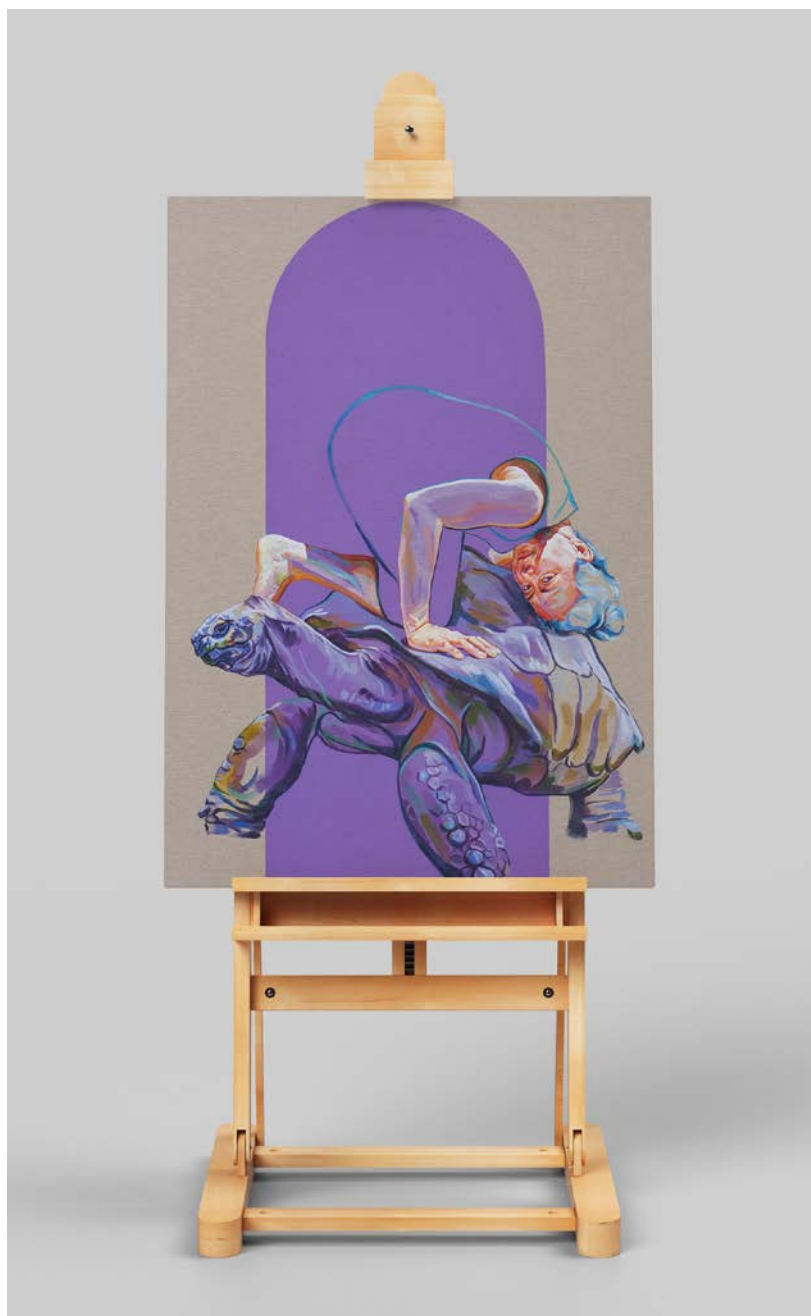
Dimensões: 100 x 80 cm

Técnica: Acrílico sobre tela

Carapaça

Na incessante busca por um refúgio da loucura do mundo, serve o amparo de uma casca rígida e impenetrável. Uma nova casa? Talvez a fuga invertida pela porta alta e estreita, ou o parto inacabado de um torso transparente, mas não dos membros nem da mente, muito menos do olhar silente. Viajar sobre a crosta animal é voar em tapete mágico, levar com os pés desnudos sobre o novo telhado, no vagar sereno da longevidade, partir à descoberta de si num colo de amor protegido.

Pedro Almeida Maia,
escritor



obrasdecapa.pt

F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** Carolina Cunha, Carolina Muralha, Cristina Passas, Diana Correia, Eduarda Oliveira, Flávio Alves Martins, João Vieira, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marinela Cerqueira, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Sílvia Faria de Bastos, Vitor Afonso | **Revisão** Fátima Pinheiro | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt | W: descendencias.pt | T: 309 921 350 | **Publicidade** E: publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios nem pela

exatidão das características e propriedades dos produtos e/ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º n.º 2, i) e j), artigo 75º n.º 2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 44, agosto 2024 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

Cristina Troufa e Pedro Almeida Maia abrem as portas da Descendências com a deslumbrante “Carapaça” e partimos à descoberta desta nova edição. Que começo magnífico! Não fosse este o mês de férias da maioria dos portugueses, relembramos aqueles que vivem lá fora, nos visitam e a sua importância para a economia nacional. Fizemos o percurso pelo projeto “Realces” e damos as boas-vindas à EME Saúde. Com uma carreira que atravessa a advocacia, a academia e uma sólida experiência política, Paulo Rangel é o novo Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros. Descubra na grande entrevista deste mês, as motivações, os principais desafios e os objetivos estratégicos que o novo chefe da diplomacia portuguesa espera para o seu mandato e de que forma planeia posicionar Portugal no cenário internacional. O Conselheiro das Comunidades Mário Ferreira, renova o apelo da reforma eleitoral para este órgão consultivo do Governo. Fazemos uma paragem pelo “Soneto” de Ana Cristina Cesar e seguimos para Luanda para recolher as memórias de Wandí Francisca, descendente do Rei Ekuikui. Mergulhe no talento de Inês Ribeiro, vencedora em 2015 do 1º prémio

LabJovem, na categoria de Design de Cerâmica, e se perdeu o EurAfrican Forum deste ano, não se preocupe, trazemos-lhe o que de mais importante se passou neste importante evento promovido pelo Conselho da Diáspora Portuguesa. Fique a saber como a IA (Inteligência Artificial) começa a assumir um papel importante na preservação ambiental e na construção de um futuro mais sustentável e alertamos para a importância das algas marinhas na sua dieta alimentar.

Delicie-se com as “Negrinhas de freixo” (de imperdível leitura!), e faça uma pausa para ler com atenção a “Visão”. Nunca é demais referir a importância cada vez maior dos lusodescendentes e das Comunidades Portuguesas espalhadas por todo o mundo, e a Fundação AEP, procura que essa mensagem não se perca pelo caminho. Prepare-se para entrar num novo mundo pelo talento único de Mafalda Correia – simplesmente deslumbrante! Apresentamos a Inês e o Nuno que regressaram a Portugal e não se incomode com as línguas do mês de agosto. Despedimo-nos com boas notícias: vamos todos de férias fiscais! Aproveite e desfrute da nossa companhia. Voltamos ao vosso encontro em setembro.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

A C O N T E C E U

A importância dos emigrantes portugueses nas férias de verão

Emigrantes portugueses, uma força motriz da economia nacional

As férias de verão em Portugal são um período de grande movimentação, marcado pelo regresso de milhares de portugueses que residem no estrangeiro. Este fluxo de pessoas tem um impacto considerável na economia nacional, revitalizando diversas regiões e setores.

É inegável o impacto Económico, senão vejamos:

Os emigrantes, ao regressarem a Portugal, aumentam significativamente o consumo em diversos setores, como o comércio, a restauração, o turismo e os serviços. A aquisição de bens duradouros, como automóveis ou eletrodomésticos, e a realização de obras de renovação em casas de família são exemplos desse aumento do consumo.

As remessas enviadas pelos emigrantes para Portugal constituem uma importante fonte de rendimento para muitas famílias, contribuindo para o crescimento económico e para a redução da pobreza.

Muitos emigrantes aproveitam as suas férias para investir em



Portugal, seja na compra de imóveis, na criação de empresas ou no apoio a projetos familiares. Estes investimentos contribuem para a dinamização da economia e para a criação de emprego.

Mas também, o impacto Social:

O regresso dos emigrantes permite o reencontro com familiares e amigos, fortalecendo os laços afetivos e comunitários.

Os emigrantes trazem para Portugal novas experiências e conhecimentos adquiridos no estrangeiro, contribuindo para a diversificação cultural e para a modernização da sociedade.

Ao regressarem aos seus países de residência, os emigrantes funcionam como verdadeiros embaixadores de Portugal, promovendo o país e atraindo novos turistas e investidores, divulgando assim Portugal no estrangeiro.

Apesar dos benefícios que trazem, a presença dos emigrantes durante o verão também coloca alguns desafios, como a necessidade de garantir a qualidade dos serviços e a adaptação das infraestruturas para receber um maior número de pessoas. No entanto, estes desafios também representam uma oportunidade para melhorar a oferta turística e a qualidade de vida em muitas regiões do país.

Em suma, os emigrantes portugueses desempenham um papel fundamental na economia e na sociedade portuguesa. O seu regresso durante as férias de verão é um momento de grande importância, que merece ser valorizado e aproveitado para fortalecer os laços entre Portugal e as suas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

E é com o foco na valorização destes concidadãos que a AILD durante os meses de julho e agosto tem-se desdobrado em esforços, contactos e ações no terreno, privilegiando o contacto direto com as pessoas, por diversas regiões do país, e que culminará com a 3ª edição da ação “Obrigado e Boa Viagem” que irá ocorrer num dos últimos fins de semana de agosto na fronteira de Vilar Formoso.

Desde a primeira hora que a Associação Internacional dos Lusodescendentes procurou incentivar os seus associados a trazerem as suas ideias, sugestões e projetos para partilha e discussão conjunta. Tem sido muito gratificante ver o aumento considerável de ações e projetos que nascem todos os anos dentro da AILD e o entusiasmo daqueles que conseguem vê-los concretizados e a ganharem relevo e importância. “Obras de Capa”, “Portuguese in Translation Book Club”, Concurso literário “As minhas férias em...”, “Literanto” e tantos outros que poderia mencionar. De facto, tem sido a pre-

serverança de muitos dos seus autores que tem permitido levar para a frente alguns desses projetos. Um deles, esteve mais de 1 ano à espera de resposta, de uma associação de pessoas cegas para iniciar o seu percurso, o que para muitos de nós levaria certamente à desmoralização e sua desistência. Não foi o caso. Procurou-se um outro parceiro e ao fim de quase 2 anos no papel, o projeto ganhou asas e voou, e logo para um festival internacional com o apoio da EUNIC.

Regressado a Portugal e juntando uma curadora e uma gestora do projeto iniciaram-se contactos

| A I L D Realces

com as autarquias. Sendo um projeto vocacionado para a inclusão, “envolver as pessoas cegas ou com baixa visão no universo das artes”, tem tido sobretudo pelas vereações das áreas sociais dos municípios uma plena adesão, com rasgados elogios à iniciativa. No passado dia 29 de junho inaugurou-se na cidade “berço” – que acolheu de forma imediata e com muito carinho – a itinerância deste projeto em Portugal.

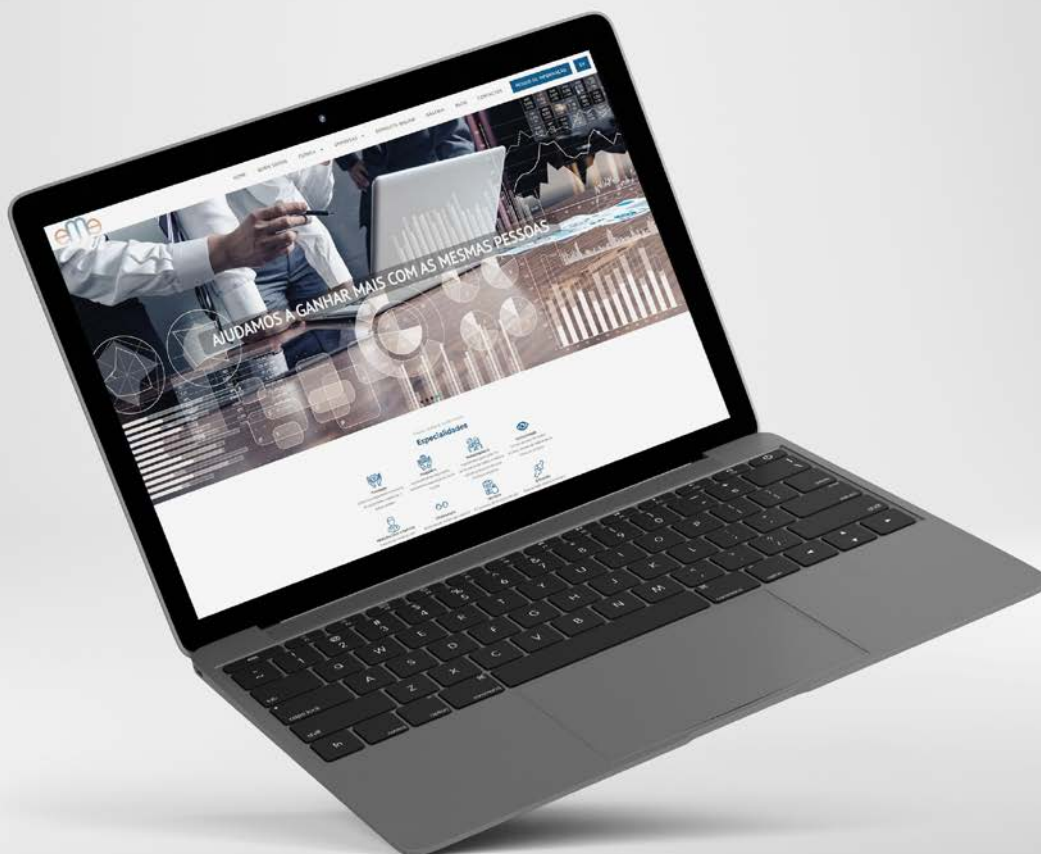
Várias outras exposições estão programadas ainda para este ano, com destaque para as presenças nas comemorações do Dia Internacional das Pessoas

com Deficiência e no Congresso nacional da Sociedade Portuguesa de Oftalmologia. Um projeto que agrega já 5 entidades: Iris Inclusiva, Rede do Empresário, Associação Internacional dos Lusodescendentes, Sociedade Portuguesa de Oftalmologia e mais recentemente a Universidade do Minho pelo seu departamento de Design de Produto.

O projeto chama-se “Realces”. Pode visitar a exposição na cidade de Guimarães até ao final deste mês, visitar o seu website em realces.pt, e contribuir sem qualquer custo com a partilha nas redes sociais. Vamos levar mais longe o Realces!



Philippe Fernandes
Presidente da AILD



EMPRESA ASSOCIADA

EME Saúde

Poderiam contar-nos um pouco sobre a história da EME Saúde e como surgiu a ideia de criar esta empresa?

A EME surge como consequência inevitável de uma trajetória de vida do psicólogo clínico e professor universitário do ICBAS (Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar), prof. doutor Ivandro Soares Monteiro, que, ao fim de 11 anos a trabalhar com mestres, mentores e amigos psiquiatras e psicólogos, faz uma aposta na inauguração de uma clínica, para dar resposta aos inúmeros pedidos de consultas e palestras. Nesse sentido, convidou vários colegas e profissionais de saúde, experientes, para se juntarem a uma equipa multidisciplinar para acrescentar valor às pessoas que procuram não só recuperar da doença, mas acima de tudo, cuidar da saúde e estilo de vida. Assim, a EME Saúde beneficia da experiência adquirida dos profissionais que temos, cujo objetivo é a dedicação ao utente, sem a pressão de hierarquias ou objetivos,

onde o resultado é responder ao que é, de facto, essencial e prioritário para as necessidades de cada paciente, com atendimento em português e inglês, na grande maioria das especialidades.

Temos também, dentro da EME Saúde, formação certificada pela DGERT na área comportamental para o público e para as empresas, assim como formação na nossa API - Academia de Psicoterapia Interpessoal, para formar profissionais de saúde no âmbito deste modelo de intervenção, com reconhecimento nacional e internacional e já com mais de 23 edições a servir os profissionais de saúde desde 2009, várias das quais organizadas a convite de hospitais e entidades internacionais como a OMS | Organização Mundial de Saúde (com a 23ª edição exclusiva para Cabo Verde).

Os serviços de Consultoria Comportamental, iniciados em 2014, e com o crescimento ao nível nacional, foram depois em 2022 integrados a convite para dentro da multinacional



Ivandro Soares Monteiro, CEO EME Saúde

Crowe Portugal, com o objetivo de intervir na área corporativa, para dar apoio às administrações e Direção de Recursos Humanos como consultores externos, para a resolução de problemas, transições, conflitos e outros desafios de gestão.

Qual é a visão e missão da EME Saúde no setor da saúde em Portugal?

A maturidade emocional e o desenvolvimento pessoal são âncoras para um estilo de vida saudável e para proteger as capacidades para acrescentarmos valor uns aos outros. Assim, a nossa visão e missão é continuar a ser uma empresa privada de excelência, baseada em ciência e evidência, com foco essencial na qualidade da área da Saúde e comportamento humano (particular e corporativo), diferenciada pelo atendimento personalizado e focado na satisfação do cliente, através da excelência técnica do serviço prestado, atento e acolhedor, disponibilizando profissionais e serviços de valor a quem nos procura, num verdadeiro espírito de equipa, por forma a que o cliente não tenha que se repetir ao procurar diferentes especialistas e que pensem todos em conjunto. Para além disso, facilitamos serviços de aumento da produtividade com as mesmas pessoas junto das empresas nossas clientes, através de formação, palestras, avaliações e intervenções na área do comportamento.

Quais são os principais serviços oferecidos pela EME Saúde?

A EME Saúde é uma empresa 100% portuguesa fundada em 2011, ancorada em 3 áreas de negócio: 1º clínica médica e saúde mental (presencial e online), 2º consultoria comportamental e formação profissional certificada e 3º palestras, constituída por profissionais competentes selecionados, com o apoio de colegas estrangeiros de renome internacional.

Alguma inovação recente ou projeto significativo que a EME Saúde tenha implementado?

No âmbito *corporate*, o crescimento dos serviços de Consultoria Comportamental junto das empresas tem tido um crescimento sustentável, sobretudo no apoio cada vez maior aos diretores de recursos humanos, ou às administrações, com psicólogos, gestores de recursos humanos, economistas, nutricionistas, médicos, entre outros, de acordo com as necessidades dos clientes. Para além disso, em casos de *Burnout* ou problemas clínicos causados pelas empresas, facilitamos *packs* de consultas online com a nossa equipa.

No âmbito da formação para profissionais de saúde, e dentro da nossa Academia de Psicoterapia Interpessoal, estão abertas as inscrições para a 24ª edição do curso de nível A, a iniciar em 30 de Setembro 2024, que é 100% online, para



que todos os profissionais possam conhecer e dar início à sua formação avançada em psicoterapia. A grande novidade do nosso caminho desde 2009 até 2024, é que este ano fomos selecionados num concurso internacional pela OMS Organização Mundial de Saúde, para dar formação a profissionais de saúde em Cabo Verde, o que muito nos honrou e responsabilizou pelo caminho exigente e competente feito até ao momento. Vamos continuar a inovar na formação a psicólogos, médicos, psiquiatras, pedopsiquiatras e enfermeiros de todo o mundo, para todos os países de língua oficial portuguesa.

Quais têm sido os maiores desafios que a EME Saúde enfrentou desde a sua fundação?

A EME Saúde foi criada em plena crise económica nacional e mundial de 2011, pelo que foi forjada na crença de que somos capazes, apostando na responsabilidade individual, exigência e competência, com pouco espaço para erros, nunca desistindo dos sonhos que definiam o nosso caminho, para dar resposta às necessidades dos clientes que tínhamos, quer particulares, quer empresariais. O desafio maior era o modelo de negócio e os recursos humanos alinhados com a filosofia de trabalho que temos,

sustentado em traços de dinamismo, empreendedorismo, proatividade e recompensas pela competência e aposta no trabalho de equipa.

Que estratégias foram adotadas para superar esses desafios?

Mais e melhor comunicação, com atividades de equipa para aumentar o alinhamento de *mindset*, delegar responsabilidades específicas para além do conceito de polivalência.

Há algum projeto específico de telemedicina ou saúde digital que gostaria de destacar?

Estamos prestes a dar início ao novo projeto da Stoicnet (stoicnet.pt), uma rede clínica online, com formação e workshops online, baseado nas 4 virtudes da filosofia do estoicismo, onde, por um lado teremos profissionais de saúde e, do outro, os clientes por todo o mundo, para usufruírem de uma comunidade que quer cuidar melhor de si, apostando no seu desenvolvimento pessoal, rejeitando o lugar de vítima, e descobrindo o herói ou heroína da sua história. Este projeto Stoicnet, é para que os profissionais de saúde possam ter a sua clínica online, onde todo o ser-



viço por nós prestado funciona como uma clínica virtual, com assistente, marcações digitais, pagamentos, recibos, etc.. Quanto mais apostarem na Stoicnet, mais vantagens terão para a criação da nossa comunidade dos estóicos, quer entre colegas, quer entre clientes. Esperamos que os profissionais de saúde queiram aderir brevemente, pois estamos em fases de teste e durante este ano serão abertas as candidaturas para as certificações e adesões à Stoicnet dos profissionais de saúde.

Que iniciativas de sustentabilidade e responsabilidade social a EME Saúde tem implementado?

Temos realizado várias atividades ao longo dos anos, com

entidades parceiras junto de instituições de solidariedade social, com a junta de freguesia local, para além de iniciativas comunitárias no aniversário em maio e também em dezembro por altura do Natal.

Quais são os planos futuros da EME Saúde em termos de crescimento e expansão?

Apostamos cada vez mais nos serviços online com consultas online para todos os países de língua oficial portuguesa, potenciando workshops, cursos, formações online e um clube dos estóicos com a Stoicnet e vamos continuar a apostar no crescimento junto das empresas com os serviços de consultoria comportamental.

A empresa tem planos de se expandir para outros mercados ou regiões?

Queremos crescer online junto das comunidades portuguesas para que possam ter apoio clínico para recuperar de doença mental, mas acima de tudo, tenham recursos para formações, workshops e cursos que facilitem o desenvolvimento pessoal e adaptação às comunidades em que estão inseridos.

Que tipo de parcerias ou colaborações a EME Saúde tem estabelecido para fortalecer os seus serviços?

Temos criado parcerias com associações como a AILD e Câmaras do Comércio para criar sinergias e levarmos o que sabemos fazer às comunidades, por exemplo, com palestras sobre responsabilidade individual e rejeição do lugar de vítima, associado à publicação do terceiro e mais recente livro do prof. doutor Ivandro Soares Monteiro, *Mudamos pelo que fazemos*.

Há alguma parceria futura que estejam particularmente entusiasmados em anunciar?

A parceria com a AILD! Vai-nos permitir ajudar os lusodescendentes com ferramentas comportamentais, para organizarmos eventos conjuntos ou individualmente para que possamos acrescentar valor com o nosso know-how e ajudar a facilitar a adaptação dos lusodescendentes às comunidades em que estão inseridos.

Que conselhos dariam a futuros empreendedores na área da saúde?

Apostem num serviço de excelência, com formação avançada e especializada, como é o caso da formação cientificamente sustentada da psicoterapia interpessoal, e procurem trabalhar de forma empreendedora mas em equipa, como

acontece com o projeto que estamos a preparar para responder a essas necessidades das comunidades (Stoicnet).

Como sentem a portugalidade? É um tema presente na vossa empresa?

Sim, é. Temos centenas de clientes internacionais, das várias comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo fora. Fazemos palestras também em vários países junto dos portugueses e seus descendentes.

Ajudamos nas transições e adaptações às novas culturas, ou gerindo conflitos e saudades de países de origem, ou das famílias com as mudanças de país.

A AILD está a criar uma rede internacional de pessoas que se vão poder interligar e colaborar entre si. Como vêem este projeto e quais as vossas expectativas?

Acreditamos que é uma iniciativa que valerá a pena, para dar resposta às necessidades das comunidades, por um lado, para quem procura consultas clínicas, para outros que procuram orientação e desenvolvimento pessoal, ao mesmo tempo que facilitamos uma rede de apoio e assistente aos profissionais das comunidades lusodescendentes que queiram ter apoio de uma empresa portuguesa para facilitar a resposta nas consultas online, cursos e *workshops online*, criando uma comunidade mais estóica e com menos “vítimas”.

Tendo em consideração que esta entrevista será lida por muitos empresários espalhados por todo o mundo, que palavras deixariam sobre a AILD relativamente a esta plataforma global?

Acreditamos que pertencer à AILD permitirá ajudar as comunidades portuguesas e os seus descendentes a criarem sinergias, e darem melhores respostas às necessidades de todos os que procuram melhor inserção social, *networking* e oportunidades de trabalho e negócios.



João Vieira

Diretor Geral AILD - Negócios & Empresas



R E A L C E S

E X P O S I Ç Ã O T Á T I L
T E R R I T Ó R I O S C U L T U R A I S

Biblioteca Municipal Raul Brandão

Envolver as pessoas cegas ou com baixa visão no universo das artes

r e a l c e s . p t

**Venha explorar a arte através do toque
Uma exposição única!**

Entrada livre

**Patente ao público
até ao dia 30 de agosto**



MUNICÍPIO DE
GUIMARÃES



GRANDE ENTREVISTA

PAULO RANGEL

MINISTRO DE ESTADO E DOS
NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Tem uma carreira multifacetada que vai da advocacia à academia, e uma presença política marcante que o levou de Lisboa a Bruxelas e, mais recentemente, ao cargo de Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros. Em entrevista exclusiva à Descendências Magazine, Paulo Rangel revela as motivações e os desafios por detrás do ministério que lidera, a importância do ensino na sua vida e os objetivos estratégicos que nortearão o seu mandato. Descubra nesta entrevista como a sua experiência enquanto ex-eurodeputado pode redefinir a política externa de Portugal e quais são as suas prioridades num cenário global cada vez mais complexo.



© Tiago Araújo

Nasceu em Vila Nova de Gaia em 1968. É licenciado em Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa, e é advogado de profissão. É docente da Faculdade de Direito da Universidade Católica no Porto, onde já lecionou Direito Administrativo e Direito Constitucional e onde rege a cadeira de Ciência Política. É também, desde 2011, docente do MBA Executivo da University of Porto Business School. No mundo da política, foi eleito deputado à Assembleia da República em 2005, na X legislatura, assumindo a presidência do grupo parlamentar do PSD em junho de 2008. Foi Secretário de Estado Adjunto do Ministro da Justiça no XVI Governo Constitucional, entre julho de 2004 e março de 2005. Foi eurodeputado de 2009 a 2024,

eleito como cabeça de lista nas eleições europeias de 2009, 2014 e 2019. Em 2015, foi eleito vice-presidente do Partido Popular Europeu e é, desde julho de 2022 vice-presidente do PSD. Atualmente, é Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros do XXIV Governo Constitucional. Deixando as posições e ofícios de lado, quem é Paulo Rangel?

Cresci por entre Gaia, Porto e Gondomar. Estudei no Colégio dos Carvalhos e na Católica do Porto, instituições carismáticas. Fiz Direito, dou aulas, advogo no Porto, engendrei mais livros do que filhos. Defino-me, de há muito, como cristão de cultura católica e como federalista. Ainda criança, vibrava com a política, o PPD e Sá Carneiro.





Viajei muito, com os pais, a sós e com amigos. Viajo hoje ainda mais, com a âncora e as velas no Porto-Norte. Não prescindo da história nem da mesa, gosto de escrever, mas a vida pôs-me a falar. Tudo devo à família e a tantos outros, dos quais lembro Lucas Pires e Gomes Canotilho. A Europa foi um amor sereno que degenerou em paixão. Se morresse amanhã, se morrer amanhã, ainda serei feliz. Depois, não sei.

Advogado, académico ou político? Em qual destes papéis melhor se revê?

Tenho de reconhecer que fui sempre um privilegiado, fiz sempre aquilo que gosto; embora também tenha o mérito de fazer por gostar daquilo que faço. Realizei-me sempre na universidade, na advocacia e na política. Mas não tenho dúvidas de que dar aulas, ensinar, ser professor é o que mais gosto de fazer. Não é tanto a academia, mas é o ensinar. Nada, mas nada, se compara com isso. A minha vocação é mesmo essa: ser professor.

Desde abril de 2024, integra o executivo de Luís Montenegro, tendo sido a escolha do primeiro-ministro para liderar o Ministério do Estado e dos Negócios Estrangeiros. O que o levou a aceitar este desafio?

Foi a consciência de que podia servir o meu país e de que, nessa pasta em especial, podia servi-lo bem. A minha experiência europeia e internacional, especialmente depois de 15 anos de atividade intensa no Parlamento Europeu, poderia ser posta ao serviço do país no quadro de um projeto político e de uma liderança política em que acredito convictamente.

Durante o seu mandato como eurodeputado, integrou comissões cruciais como a das Liberdades Cívicas, da Justiça e dos Assuntos Internos e a dos Assuntos Constitucionais. E de que forma considera que essas experiências influenciam positivamente a sua abordagem enquanto Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros?

Como acabo de sugerir, esses largos anos deram-me experiência, conhecimento e rede de contactos que são muito úteis para o exercício desta função. Julgo que me prepararam para desempenhar o cargo com competência e com proveito para Portugal.

No contexto das suas aulas de Ciência Política e Direito Constitucional, como a teoria e prática do ensino influenciam a sua abordagem à política externa? Que lições dos seus tempos como docente considera mais relevantes na sua atual função ministerial?

Os mais de 30 anos de estudo e de lecionação de matérias ligadas ao Direito Público e à Ciência Política são, sem dúvida, muito relevantes. Pelo enquadramento teórico e filosófico e pelo conhecimento histórico que dão; e, por outro lado, pela possibilidade de criar uma base doutrinal e um pensamento próprio sobre as relações internacionais. Não escondo que, aí, o rigor e a exigência da formação jurídica e o seu apuramento contínuo são de um préstimo enorme.

Quais os principais objetivos estratégicos que definidos para o seu mandato como Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros? Que iniciativas e políticas específicas pretende implementar para alcançar esses objetivos, especialmente no que diz respeito à promoção das relações bilaterais, à integração europeia, e ao reforço da presença de Portugal nas organizações internacionais?

A pergunta é demasiado complexa e até ambiciosa. Resigno-me, pois, a evidenciar três pilares: No domínio da segurança, é fundamental a relação com a NATO, os Estados Unidos e o Reino Unido. Bilateralmente é necessário reforçar este pilar atlântico. No domínio de afirmação multilateral, a CPLP é a prioridade das prioridades. Não porque desprezemos as relações com todo o resto do mundo; mas porque estamos cientes que a nossa projeção global está intimamente relacionada com a nossa aposta na CPLP. Finalmente, a dimensão europeia, onde queremos sempre estar e estaremos no pelotão da frente.



© Tiago Araújo

Dado o complexo cenário geopolítico atual, com desafios como as tensões entre grandes potências, crises migratórias e questões de segurança global, quais são os desafios mais significativos que prevê enfrentar durante o seu mandato?

As guerras em curso são obviamente desafios de exigência incomensurável, lançando grandes incertezas na cena internacional. A par disso, a previsível ou mesmo certa mudança de lideranças em Estados-chave consubstancia um fator de instabilidade que exige uma governação muito prudente e atenta. O lançamento do alargamento da União Europeia e as reformas que ele implica, bem como a revisão do quadro financeiro congregarão desafios de monta. Os fluxos migratórios e as tensões que eles têm gerado na política interna de tantos Estados obrigam a uma política moderada e humanista, que regule as migrações.

Recentemente, temos assistido a um aumento das tensões geopolíticas entre várias potências globais, como a Rússia,

China e Estados Unidos. De que forma Portugal, sendo um país relativamente pequeno, mas estratégico, pode posicionar-se e contribuir neste contexto? Quais as estratégias diplomáticas a adotar para navegar nestas complexas relações internacionais?

Primeiro, é preciso dizer que Portugal é um país médio, e não pequeno, e com um alcance muito acima do seu tamanho na arena diplomática.

Em segundo lugar, Portugal age na defesa dos seus interesses em dois planos, bilateral e multilateral.

No plano bilateral, temos procurado exercer a nossa influência junto dos Estados que podem contribuir para diminuir a atual tensão geopolítica, agindo sempre de acordo com os nossos princípios e valores. No plano multilateral, procuramos ser agentes ativos na busca de soluções justas, incentivando os Estados a resolverem os seus diferendos de forma pacífica, de acordo com os princípios da Carta da ONU, e recorrendo aos instrumentos multilaterais criados para o efeito.



© Tiago Araújo

A condução de negociações internacionais e de processos de vinculação internacional, como acordos e tratados, é uma tarefa crucial do MNE. Pode detalhar alguns dos acordos mais importantes que estão atualmente em negociação e quais são os objetivos estratégicos de Portugal nestas negociações?

A negociação de convenções internacionais e a condução do processo de vinculação é uma tarefa crucial do MNE, em articulação com os ministérios sectoriais. Atualmente, Portugal atribui grande prioridade ao processo de ratificação em curso do recente Tratado do Alto Mar para a Proteção da Diversidade Biológica Marinha de Áreas Além da Jurisdição Nacional (Tratado “BBNJ”), bem como ao processo de negociação em curso quanto ao Tratado Global contra a Poluição por Plásticos. São dois tratados de grande relevância para a proteção do meio ambiente. Numa outra dimensão, Portugal acompanha também com grande interesse a negociação, igualmente no âmbito das Nações Unidas, de uma Convenção para o combate ao Cibercrime.

A NATO continua a ser um pilar essencial da segurança transatlântica. Com os recentes desenvolvimentos geopolíticos e a redefinição de ameaças globais, como vê o papel de Portugal dentro da NATO e quais são as suas prioridades para fortalecer a nossa contribuição para a aliança?

A pertença à NATO é para Portugal uma componente essencial da nossa política externa e da nossa política de segurança.

Portugal continua empenhado em fortalecer a Aliança Atlântica, dotando-a dos instrumentos e recursos mais adequados para garantir a segurança de todos os Aliados, e o Governo aposta em munir as nossas Forças Armadas dos meios necessários para garantir a nossa segurança, e poder contribuir de forma eficaz para a NATO.

O cumprimento da meta de 2% com gastos em defesa e a contribuição para as operações da NATO são, de resto, duas formas de Portugal contribuir para a segurança nacional e para o fortalecimento da Aliança.



© Tiago Araújo

O apoio à internacionalização da economia portuguesa, o fomento do investimento orientado a mercados externos, a captação de investimento estrangeiro e a promoção da imagem de Portugal e das marcas portuguesas no exterior são outras das prioridades do Ministério do Estado e dos Negócios Estrangeiros. De que forma, o atual Ministério pretende alavancar a internacionalização da economia portuguesa?

A internacionalização da economia portuguesa é uma prioridade para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, e procuraremos, em estreita articulação com o Ministério da

Economia e com a AICEP, apoiar na identificação de novas oportunidades para as nossas empresas, e promover Portugal como um destino de investimento. E é essencialmente através da utilização da rede de Embaixadas, Consulados e Delegações da AICEP, profundos conhecedores dos países e mercados onde estão inseridos, que procuraremos apoiar a internacionalização da nossa economia e das nossas empresas.

A União Europeia tem debatido cada vez mais a questão da autonomia estratégica, especialmente no contexto de uma crescente dependência de países terceiros para recursos es-



© Tiago Araújo

senciais e tecnologia. Qual é atualmente a posição de Portugal nesta questão e que papel o nosso país pode desempenhar para ajudar a UE a alcançar uma maior autonomia sem comprometer as suas relações internacionais?

No contexto europeu, a autonomia estratégica tem sido conceptualizada como: “Agir com parceiros, sempre que possível, e sozinha, quando necessário”. Para Portugal, país atlântico e de vocação global, com laços que nos unem a vários cantos do mundo, é fundamental a manutenção das nossas parcerias “clássicas” (como os EUA ou o Reino Unido), mas podemos também, no seio da UE, apontar a outras geografias como potenciais origens de frutíferas parcerias. Também na diversificação de contactos e pontes, especialmente no contexto da dependência de países terceiros para recursos essenciais e tecnologia, Portugal pode desempenhar um papel central.

A participação portuguesa no processo de construção europeia é uma componente chave da política externa. Quais são as principais áreas em que Portugal está a focar-se para in-

fluenciar as políticas europeias, e como o MNE está a coordenar os esforços com outros ministérios para garantir uma abordagem coesa e eficaz?

Desde que integrou o projeto europeu, Portugal tem estado no centro das políticas europeias. O espaço Schengen, a moeda única ou o programa Erasmus são conquistas europeias que todos os portugueses valorizam. Temos, hoje, áreas prioritárias em que nos focamos, como a conclusão do Acordo UE-Mercosul, o reforço da base industrial europeia de defesa, o próprio alargamento ou a conceção do orçamento da União. Aqui, o Ministério dos Negócios Estrangeiros desempenha, também, um processo de coordenação, ao assumir, na pessoa da Secretária de Estado dos Assuntos Europeus, a representação nacional no Conselho de Assuntos Gerais do Conselho da União Europeia, e, através da nossa Representação Permanente junto da União, garantindo o apoio e a coordenação de políticas com todos os membros do governo que reúnem em Bruxelas nas respetivas formações do Conselho (Agricultura e Pescas, Competitividade, Ambiente ou Transportes, entre outros).



© Tiago Araújo

A crise migratória tem sido uma questão premente na Europa, com implicações significativas para a política interna e externa dos Estados-membro da União Europeia. De que forma Portugal está a preparar-se para lidar com esta situação e que medidas estão a ser implementadas para garantir o equilíbrio entre a segurança nacional e o acolhimento humanitário?

A questão migratória exige uma abordagem que valorize os seus aspetos positivos, em benefício de todas as partes envolvidas, e previna e combata os aspetos negativos, com

destaque para a migração irregular e os complexos problemas sociais que acarreta, bem como a sua exploração criminosa por redes de tráfico de seres humanos. Portugal está comprometido com um sistema comum de gestão da migração na União Europeia, rumo a um equilíbrio entre responsabilidade e solidariedade, com controlo efetivo e integração com dignidade. Temos salientado a necessidade de uma cooperação estreita entre a União e os Estados-membros, bem como da flexibilidade adequada para acomodar as diferenças e necessidades dos vários Estados-Membros.



© Tiago Araújo

A recente escalada de conflitos no Médio Oriente tem repercussões globais. De que forma Portugal, enquanto membro da União Europeia e da ONU, pode contribuir para uma solução pacífica e sustentável nesta região?

Portugal tem defendido de forma reiterada o primado do Direito Internacional, o respeito pelos Direitos Humanos e pelo Direito Internacional Humanitário. Tanto no quadro da União Europeia como das Nações Unidas, Portugal defende o estabelecimento de negociações com vista a uma paz duradoura conducente à solução dos dois Estados e tem apoiado uma reflexão ponderada sobre o futuro reconhecimento do Estado Palestino, procurando preservar a unidade europeia e, ao mesmo tempo, transmitir um sinal político positivo a ambas as partes no conflito. Gostaria de

lembrar que Portugal liderou a redação de uma carta-conjunta com a Dinamarca e a Grécia, defendendo um apoio renovado da União Europeia ao reforço da capacidade institucional da Autoridade Palestina, visando o lançamento de reformas que potenciem a afirmação de um futuro Estado palestino. Portugal tem igualmente apoiado as propostas de organização de uma Conferência/Reunião de Alto Nível preparatória da paz, em devida coordenação com os países árabes e demais parceiros relevantes, reiterando o seu apoio à proposta de cessar-fogo e de libertação imediata e incondicional de reféns.

Portugal tem uma longa história de relações com os países de língua portuguesa, especialmente em África. Com o crescente investimento chinês no continente africano, que



© Tiago Araújo

estratégias está Portugal a implementar para fortalecer e modernizar as suas relações com estes países?

África continua a ser uma pedra basilar da política externa portuguesa, não apenas pela sua importância global, mas também pelos laços históricos, culturais, políticos e económicos que nos unem. Sendo certo que a relação com o espaço africano lusófono é particularmente intensa, Portugal mantém excelentes relações com outros países deste Continente, alguns deles mercados prioritários dos investidores e das empresas portuguesas. Gostaria de recordar, para ilustrar a importância que conferimos a África no quadro da nossa política externa, que muitos dos avanços na relação entre a UE e os parceiros africanos ocorreram sob as Presidências de Portugal no Conselho da União Europeia. Posso

mentonar, a título de exemplo, a realização das primeiras duas Cimeiras África-UE, em 2000 e 2007. Tudo isto mostra que a nossa relação com África é antiga, tem um longo passado, um presente vigoroso e um vasto futuro. É uma relação que vale por si, não é fruto da conjuntura internacional nem afetada, positiva ou negativamente, pelo relacionamento que outros Estados – sejam eles europeus, asiáticos ou de qualquer outra proveniência geográfica – mantêm com o continente africano.

A situação na Venezuela continua a ser um tema de grande preocupação internacional. Como vê o papel de Portugal na mediação e assistência humanitária a este país, dado o número significativo de portugueses e lusodescendentes que lá residem?



© Tiago Araújo

Garantir o bem-estar dos portugueses e lusodescendentes é a prioridade de Portugal nas suas relações com a Venezuela. A Venezuela, como é sabido, enfrenta enormes desafios, tanto no plano político como socioeconómico. Em conjunto com os nossos parceiros da União Europeia, temos apelado a um diálogo que permita uma normalização da situação política, promovendo simultaneamente os princípios democráticos e do Estado de Direito. Os portugueses e lusodescendentes estão perfeitamente integrados na sociedade venezuelana e também sofrem, naturalmente, as consequências da complexa conjuntura socioeconómica atual. Nós prestamos assistência direcionada às pessoas mais desfavorecidas da nossa Comunidade, no-

meadamente no apoio à terceira idade e na aquisição de medicamentos. Portugal não pode substituir-se às autoridades venezuelanas nesta esfera, mas pode e deve acompanhar a situação dos seus nacionais, sobretudo aqueles que estão em maiores dificuldades.

A América Latina, com a sua diversidade cultural e económica, representa uma área de grande potencial para Portugal. Como vê a evolução das relações entre Portugal e os países latino-americanos, e que iniciativas concretas o seu Ministério está a implementar para reforçar estes laços económicos, políticos e culturais?

As relações com os países da América Latina têm evoluído de forma muito positiva nas últimas décadas – note-se que Portugal tem-se afirmado como um dos principais promotores da aproximação da Europa à América Latina. Merece especial destaque o empenho de Portugal na concretização de projetos de cooperação com uma forte componente económica, de que é exemplo a iniciativa “Global Gateway”. No Brasil, no México e na Costa Rica, Portugal participa em projetos que agregam investimentos públicos e privados europeus para fazer face a necessidades locais, numa lógica de benefício mútuo, abrangendo sectores como a transição energética ou os serviços portuários. No plano cultural, mantém-se com o conjunto da América Latina uma agenda intensa de atividades envolvendo a participação em feiras e festivais internacionais, o patrocínio da deslocação de artistas, escritores e músicos portugueses, ou ainda a concessão de bolsas de estudo e de projetos de intercâmbio.

A cultura, a cooperação e a língua são vetores fundamentais da nossa política externa, também nesta geografia que nos é culturalmente tão próxima.

A diáspora portuguesa é uma componente importante da nossa identidade nacional. Pode partilhar as suas iniciativas e planos para apoiar os portugueses residentes no estrangeiro, garantindo ao mesmo tempo que se sintam conectados com a sua pátria e possam contribuir para o desenvolvimento de Portugal?

A política integrada para as comunidades portuguesas, que o Governo está a desenvolver, implica medidas concretas em áreas extremamente sensíveis como a eficácia do funcionamento da rede consular, as respostas em matéria de ensino do Português aos descendentes de cidadãos nacionais, a difusão da nossa cultura, a ligação aos lusodescendentes, o incenti-

vo ao associativismo e à participação cívica e o apoio social aos casos mais carenciados. Neste sentido, nestes primeiros três meses, começámos por concretizar ações de reestruturação do funcionamento dos postos consulares, procedemos à continuação da distribuição de 22 mil *tablets* aos nossos alunos da rede de Ensino Português no Estrangeiro, identificámos novos países para o alargamento desta rede e estamos a preparar a estrutura do Instituto Camões para a eliminação do pagamento da propina dos alunos portugueses. Além disso, apoiámos financeiramente perto de 200 associações com atividade em diversas áreas e estamos a preparar uma nova edição de encontros de formação de dirigentes associativos, que decorrerá a partir de Outubro.

A rede externa de embaixadas, missões permanentes e postos consulares desempenha um papel crucial na representação do Estado português. Quais são os principais desafios que estas representações enfrentam atualmente e como está o seu Ministério a trabalhar para superar esses desafios e melhorar a eficácia da diplomacia portuguesa?

A nossa rede consular tem-se debatido com grandes dificuldades para responder à procura por parte de cidadãos nacionais, lusodescendentes e estrangeiros, que procuram o nosso País. Por isso, assim que tomámos posse, começámos a trabalhar especialmente com os principais postos consulares, no sentido de progressivamente de melhorar o processo de agendamento de atos consulares. Por outro lado, estamos a recrutar 108 novos funcionários, a que em breve se deverão juntar mais 50 técnicos especialistas, tendo em vista o reforço da nossa capacidade de atendimento, desde a área do registo civil até aos vistos. Foram igualmente dadas orientações no sentido do alargamento significativo das chamadas permanências consulares, que permitem uma maior proximidade dos postos com as pessoas e aumentam a respetiva resposta.





© Tiago Araújo

Por outro lado, temos estado a trabalhar para conseguir resolver algumas das questões laborais mais sérias que afetam os nossos colaboradores, desde os diplomatas ao pessoal dos serviços periféricos externos, sem esquecer os professores.

O ensino da língua e cultura portuguesa no estrangeiro tem sido uma prioridade de vários governos. Quais são os seus planos para fortalecer esta vertente e garantir que a nossa cultura continue a ter um impacto global significativo?

A Lusofonia é o pilar que assegura a singularidade portuguesa e distingue o nosso país dos restantes Estados-Membros da União Europeia, devendo, por isso, ser reconhecida como uma dimensão distintiva da nossa política externa. Eu entendo que é essencial continuar a promover o reco-

nhecimento internacional da língua e cultura portuguesas, seja apoiando activamente a elaboração e implementação de uma estratégia concertada junto da CPLP para que o português seja reconhecido como língua oficial da ONU até 2030, seja promovendo a língua como um veículo eficaz de comunicação global.

Em 2024-2025, celebram-se os 500 anos do nascimento de Luís de Camões, pelo que, no âmbito da sua missão de promoção da língua e da cultura portuguesas, o Instituto Camões vai promover, entre 10 de Junho de 2024 e 10 de Junho de 2026, conjuntamente com as suas redes externas e em colaboração com diversas instituições, um amplo programa multidisciplinar, que integra desde as artes performativas às artes visuais, da literatura ao cinema, da dança ao teatro, entre outras.

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

CCP e as reformas eleitorais



A modernização do Conselho das Comunidades Portuguesas (CCP) e do sistema eleitoral portugueses há muito que é necessária. O mundo mudou, tal como o Governo português, e tal como as nossas comunidades, o Conselho das

Comunidades Portuguesas (CPC) também tem de se modernizar para melhor responder às necessidades e aspirações da diáspora portuguesa.

Algumas áreas estão a ser alvo de reformas.

Papel dos conselheiros

Para que os conselheiros possam prestar o melhor, mais sólido e atempado aconselhamento sobre questões de importância mútua para a comunidade e para o Governo de Portugal, devem ter acesso à melhor informação a nível local, nacional e internacional.

Para o efeito, o papel dos conselheiros será alterado, passando a ter o estatuto de “observador” ou “membro permanente” nas seguintes entidades governamentais e não governamentais: Missão de Portugal junto da ONU e da UE; Comissão Bilateral Permanente Estados Unidos-Portugal; e nas sessões de “Diálogo com Legisladores” da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), respetivamente.

Envolvimento da comunidade

Portugal tem cerca de 35.000 milhas quadradas. Os conselheiros do conselho regional da América do Norte do CPC ou CRAN servem os nossos compatriotas portugueses em

três países, Canadá, EUA e México! Em conjunto, esta é uma área de cerca de 8 milhões de milhas quadradas!

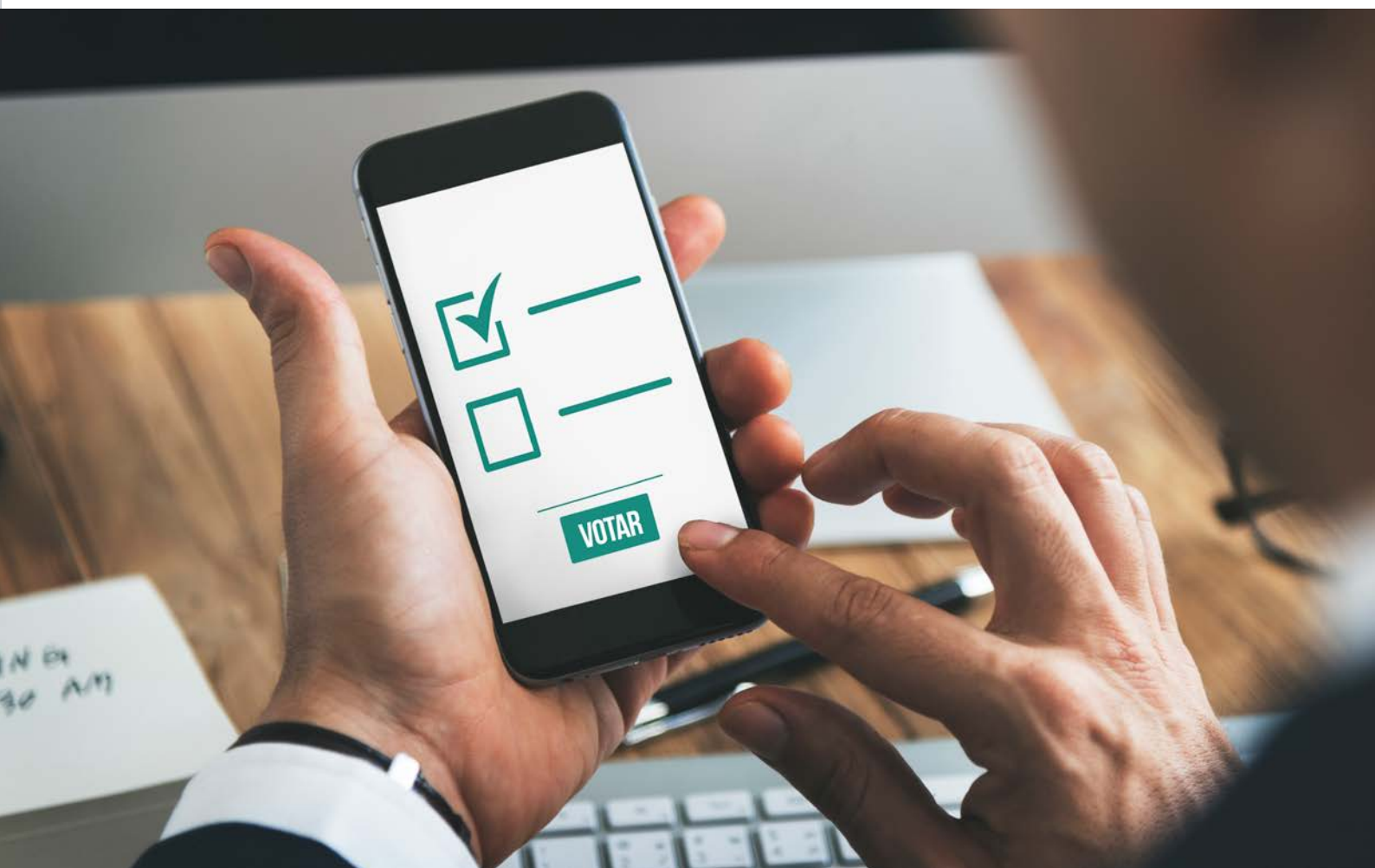
Embora o acesso à Internet fornecido pelo governo possa melhorar e ajudar a estabelecer ligações com os nossos constituintes, não substitui as reuniões presenciais.

Para tal, os conselheiros devem dispor de um orçamento para deslocações.

Reformas eleitorais

O sistema eleitoral português tem ficado repetidamente aquém das necessidades dos eleitores elegíveis e recenseados residentes no estrangeiro no que respeita ao acesso universal à urna do voto – em todas as eleições – e falha lamentavelmente na representação proporcional na Assembleia da República.

O *status quo* é a privação do direito de voto, que não é legal e, portanto, constitui uma violação flagrante das Constituições portuguesa e europeia.



Opções de voto – votação eletrónica

Há mais de 50 anos, desde a ratificação da Constituição portuguesa de 2 de abril de 1976, que o eleitorado português tem acesso a todas as eleições. O voto pode ser exercido presencialmente ou por correspondência. Ultimamente, os eleitores têm também acesso ao voto antecipado e podem votar em qualquer local onde o Governo português abra instalações de voto.

Da mesma forma, os eleitores no estrangeiro têm – teoricamente – a opção de votar pessoalmente e por correio. Estes métodos devem ser aperfeiçoados e devem ser implementados novos métodos – a votação eletrónica. Atualmente, e já há algum tempo, o voto eletrónico tornou-se uma prática comum em países democráticos como a Estónia, o Brasil, a França e outros.

Tendo em conta estas três opções, as abstenções deverão diminuir e registar-se uma grande participação eleitoral.

Representação proporcional

O acesso sem restrições à urna de voto é uma necessidade, tal como a representação proporcional no Parlamento.

O atual sistema é particularmente prejudicial para os interesses dos eleitores no estrangeiro, nomeadamente nos círculos eleitorais da Europa e Fora da Europa. Estes dois círculos,

em conjunto, representam 1.546.747 eleitores inscritos num eleitorado total de 10.818.226.

A fórmula para determinar o número de deputados atribuídos por círculo eleitoral é enviesada e favorece Lisboa (48) e Porto (40). A Europa e Fora da Europa são representadas por um total de apenas 4 deputados – numa câmara de 230 membros.

Dito de outra forma, um deputado em Lisboa e no Porto representa, em média, pouco menos de 40.000 eleitores, enquanto os 4 deputados representam, em média, 469.000 e 305.000 eleitores, respetivamente. Consequentemente, e em conjunto com as vastas distâncias geográficas, a interação entre o eleitorado e os representantes é, na melhor das hipóteses, de minimis e meramente inexistente, tornando o eleitorado sem voz nem controlo do seu destino.

A solução para esta situação inaceitável é um aumento do número de deputados – 38 – 23 para a Europa e 15 para fora da Europa. Um Parlamento novo e proporcional aumentaria para 264 deputados.

A “Revolução dos Cravos” era uma questão de igualdade para todos – não apenas para alguns de nós.

Chegou o momento de fazer as correções legislativas necessárias antes das próximas eleições nacionais – as eleições presidenciais de janeiro de 2026.



Mário Francisco da Costa Ferreira
Conselheiro das Comunidades Portuguesas

Soneto

Pergunto aqui se sou louca

Quem quer saberá dizer

Pergunto mais, se sou sã

E ainda mais, se sou eu

Que uso o viés pra amar

E finjo fingir que finjo

Adorar o fingimento

Fingindo que sou fingida

Pergunto aqui meus senhores

quem é a loura donzela

que se chama Ana Cristina

E que se diz ser alguém

É um fenômeno mor

Ou é um lapso sutil?

Ana Cristina Cesar



© História Social de Angola

HISTÓRIA SOCIAL DE ANGOLA

Wandi Francisca

A sociedade nas missões protestantes no sul de Angola

Wandi Francisca predispõe-se a partilhar suas memórias de forma virtual no Domingo de Ramos de 2024 “A Judite já me falou da vossa intenção e eu queria encontrar-me para saber o que se pretende, afinal de contas quando passamos uma “mensagem” na idade de 80 anos não é para algo sem objectivo, então eu gostava de saber, posso começar o depoimento hoje se for preciso”. A entrevista foi feita na semana seguinte.

Neste depoimento, esta descendente do soberano Ekuikui viaja pela sua vida, passada entre várias missões protestantes onde estudou e foi professora, nomeadamente Sapessi, Chilessso, Dondi e Caluquembe. Ainda, sobre a sua infância recorda a família da amiguinha que a acolheu no primeiro dia de aulas na escola MEANS, Missão do Dondi.

Inicia as memórias da fase adulta descrevendo sua religiosidade, destacando a conversão ao catolicismo pelo casamento. Wandí Francisca é também uma das milhares angolanas que por militância ou em situação circunstancial viveram na Jamba durante os 27 anos de conflito armado. Neste período, continuou a dar aulas de matemática e escreveu as sebtas de matemática da instrução primária.

Reside em Luanda desde 1992 e marca este ano descrevendo o choque social dos recém-chegados da Jamba. Hospedada em uma unidade hoteleira no centro da cidade, no seu primeiro passeio pela baixa luandense, presencia uma outra versão do premiado conto “Quem Me Dera Ser Onda”, do célebre escritor Rui Monteiro. Tragicamente, um porco cai do 4º andar de um edifício e o impacto do peso do animal sobre o corpo de uma senhora provoca a morte.

Esta filha de Chilessso, integra-se no terceiro sector social e caracteriza a zona da Camama onde passou a residir e a trabalhar. Na época, uma periferia afastada da Luanda antiga. Apresenta inquietações sobre o comportamento do cidadão e do papel da sociedade civil na resolução de situações comunitárias, sobretudo na gestão dos resíduos sólidos, sem antes nos contar a origem do nome do Mercado Avó Kumbi.

A entrevista foi interativa e terminou a mesa do pequeno almoço com duas primas suas que acabaram por confir-

mar factos desta história de vida. Outras fontes secundárias foram apresentadas, como fotografias e cartas.

O facto do depoimento ser realizado na sua residência levou a depoente descrever as memórias do lugar da entrevista, por isso não foi necessário colocar esta questão.

Em suma, o local, o ambiente, a predisposição e elementos incontrolláveis a entrevistadora e a entrevistada, no caso a chegada de familiares, podem atribuir ou prejudicar, neste depoimento constituíram mais valia.

Introdução

Eu nasci em 1943, no dia 13 de Outubro, na Missão Evangélica de Chilessso onde o meu pai era Inspetor e a minha mãe cuidava do internato “vai ouvir muitas histórias sobre a dona Befídia”. Aquela é a fotografia da minha filha N`Gueve, conhece algum dos meus filhos? e apontando para as fotografias: uma é advogado, a outra é analista, a terceira tem duas licenciaturas. Sou muito rica, já o meu marido não teve a sorte de viver esta felicidade. Ele era o meu “professor”, nesse depoimento ele ajudar-me-ia porque ele era amigo das ciências sociais. Já tenho bisnetos, os meus filhos estudam muito, saem aos pais, eu também estudei muito porque devemos estudar sempre, agora chega, vamos deixar às gerações mais novas estudarem, há muito para se estudar.

Eu tenho muito que contar sobre a minha vida. Quando o meu marido nos deixou, fui tirar a minha certidão e lá está escrito “filha ilegítima”. Eu sou filha do falecido pastor Feliciano, (ilegítima). A filha do pastor que casava os outros, eu tenho certidão com cauda. O meu pai teve de tratar a ci-





© História Social de Angola

dadania, eu, e a minha irmã “que eu puxei” não levamos o apelido paterno, Nunda. As outras já levam o nome do pai, porque quando elas nasceram ele já era assimilado, eu lembro-me destas histórias todas, já tinha certidão de verdade (referindo-se ao pai).

A Descendência do Rei Ekuikui e de Portugal

Segundo o meu pai, a avó dele era branca. Quando terminou a última grande guerra, ela era miúda, uma filha de colonos que estiveram na guerra aqui em Angola. A Filipa ficou e ao fugirem, os pais abandonaram a miúda numa vala em uma baixa. Então, o primeiro que a viu criou-a, ela não sabia dizer a idade dela, tinha doze anos e tiveram dois filhos. Estes dois filhos saíram daquele sítio e foram trabalhar e tiveram também os seus filhos. A primeira filha dos netos da Filipa foi a Natchiemba, chamava-se Judite mas deram-lhe um nome N’Ganguela N’Suandi que significa Filha da Guerra. Foram para N’Kutatu, quando lá chegaram à religião que existia era a católica e encontraram a igreja protestante, foi lá onde os missionários chegaram primeiro. O meu avô Nunda, sobrinho do Soba Ekuikui, foi formado pelos missionários na Missão de Chillesso e é indicado a ser evangelista desta missão. Foi ali onde o meu avô e o meu pai nasceram, o meu pai chamasse Nunda que significa Sobrinho, veja como a minha família andou “daqui para lá”. Em relação à minha linhagem materna, a minha mãe é bisneta do soba de Koongo. Tanto a família do meu pai como da minha mãe têm origem no

Bailundo, tiveram essas duas origens, a parte paterna de Koongo e a parte materna do Bié, a minha mãe também era familiar de um rei do Bié. Eles casam-se, sempre foram missionários, por isso é que meu pai se torna pastor e a minha mãe..., como dizem “Atrás de um grande homem está sempre uma grande mulher”, o meu pai para fazer o que fez é porque teve uma grande mulher que o ajudou.

Hoje, o casamento é com união ou com separação de bens, eu nem entendo o que significa “com separação de bens”, no nosso tempo não havia, eu casei em 1962. O tempo que eu vivi com ele, 50 anos, pareceu-me só um dia.

O meu marido foi deputado à Assembleia Nacional, eu nunca fui dessas ciências, sempre dei aulas, agora estou reformada, nessa idade já não consigo ensinar, já me esqueço, mas não me esqueço da matemática.

O Ensino nas Missões Protestantes e o Ensino Rudimentar

No primeiro dia de aulas na escola do Dondi estava sentada a minha atrás uma menina que me disse: quer ser minha amiga, quer ser minha amiga? (pronunciando o português com a acentuação ovimbundu). A partir daí eu e a Judite tornamo-nos amigas. Era o segundo ano na Escola MEANS, os pais dela já eram professores na Escola MEANS e ela levou-me logo a mãe dela e a mãe dela diz “ai, é filha da mana Bifídea”, quer dizer as nossas mães já se conheciam também. De certeza que a minha mãe era um pouco mais velha que a tia Marta Kulipossa. Eu tinha total defesa (risos), da Judite “da mana”, eu já era defendida. Naquela altura, o pai



© História Social de Angola

dela, o tio Lourenço, era professor de ciências geográficas naturais. Eu tive todo o mimo, já não comia ali, ia comer a casa deles (sorrisos de alegria), a Judite era externa e eu era interna. Mas, eu era tida como filha daquelas famílias, da família Sachiambo e da família dos tios Lourenço Chinhângua Joaquim e da Marta Evadia de Gideão Joaquim.

Vocês fazem parte das angolanas que estudaram em regime de internato anglófono?

Nós fomos muito bem educadas, lá tínhamos de ter um horário. Afinal, é preciso termos um sistema, como dizia o meu pai “o carro que distribui o dinheiro passa muito cedo, se atrasarem ele já passou”, isso ensinou-nos a sermos pontuais, a madrugamos, a termos respeito pelos mais velhos e pelo nosso próprio corpo. É verdade!

A entrevistadora comenta: Outro aspecto muito importante é a perda e a inversão de valores, há valores tradicionais existentes que hoje em certos momentos parecem usados de forma contrária, como o aproveitamento do alambamento que era um acto de respeito, para muitos o que interessa é a festança.

Até “vendem” os filhos, não é isso? Aquilo depois se transforma em uma forma de escravatura. Se formos uma família sem cultura, sem amor... aquela mulher, aquela filha está condenada ao sofrimento. Por exemplo, quando um moço me pretendeu, a minha mãe disse “porquê isso?”, era um moço tão bonito. Nós tínhamos de respeitar os nossos pais. A nós veio a calhar o ecumenismo, casamos com homens católicos e agora somos católicas.



História Social de Angola

ARTES E ARTISTAS LUSOS

Inês Ribeiro

[Facebook](#)

[Instagram](#)



Concluiu a Licenciatura Bietápica em Artes Plásticas na Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha, sendo Bacharel em Escultura e com um semestre de estudos na Guzel Sanatlar Facultesi – Akdeniz Universitesi, na Turquia, ao abrigo do Erasmus. Em 2007 ingressou no Cencal, nas Caldas da Rainha onde concluiu o Curso de Cerâmica Criativa com estágio profissional em São Pedro do Corval – Maior Centro Ibérico da Cerâmica. Em 2008 iniciou-se na carreira do Ensino das Artes Visuais, lecionando em Barrancos e Moura. Em 2009 mudou-se para São Miguel, nos Açores. Está ligada à Fundação Inatel, como formadora e à Associação Anda & Fala, promotora do Walk and Talk em projetos pontuais. Com um percurso de desenvolvimento criativo nas áreas da ilustração, cerâmica e impressão, a par com a educação através da transmissão de conhecimento, Inês Ribeiro foi a vencedora em 2015 do 1º prémio LabJovem, na categoria de Design de Cerâmica com a obra “Ceramic Postcard”. Em Novembro de 2019 criou a Matéria 47.

Quando e como despertou o seu interesse pelas artes?

O interesse pelas artes acho que está presente desde que me conheço. Quando era pequena tinha fascínio pela materialização do pensamento... pensar uma coisa e ter capacidade de a fazer! Com 6 anos fazia fatos bem sofisticados para as minhas bonecas.

Quando percebi que era possível Inventar e Fazer, sempre me lembro de criar. Devorava papelarias e lojas que vendiam materiais e empenhava-me a sério a explorá-los. Nunca interrompi o trabalho criativo que com o tempo, se foi solidificando e me trouxe até onde estou hoje.

A Inês demonstra muita versatilidade na sua obra. Escultura, ilustração, cerâmica, pintura de murais, desenho. É uma necessidade criativa, a contínua mudança de materiais e técnicas, ou é o momento que determina essa complementaridade?

Julgo ser uma questão de época com a variante das possibilidades do momento! O trabalho artístico é um percurso no tempo que se vai adaptando às circunstâncias do artista, estas dependem do trabalho que se está a fazer na altura, do

tempo, espaço e meios de que se dispõe.

Às vezes também depende da proposta do promotor. O que acaba por acontecer é que as várias áreas se fundem. O trabalho da cerâmica também vive da ilustração.

Cada vez mais, tendo a misturar materiais e técnicas procurando abrir novas possibilidades, sobretudo dentro do processo cerâmico.

Como foi essa mudança de “artes e bagagens” para os Açores em 2009?

A mudança para os Açores aconteceu em outubro, quando já estava a viver novamente nas Caldas da Rainha, no nr. 13 da Ruas dos Artistas, como sempre. Estava já a trabalhar como professora no Bombarral pronta para mais um ano letivo... não foi o que aconteceu, afinal em fevereiro, tinha concorrido para o concurso de professores nos Açores! Fiquei colocada em São Miguel, num horário completo até final do ano letivo. Na escola onde estava não tinha horário completo e aceitei o horário em São Miguel. Convicta que estaria apenas por um ano, daí a 2 dias aterrei em Ponta Delgada. Foi uma surpresa ver a ilha do ar pela primeira vez (em 2 dias tinha construído uma imagem mental bem diferente!), foi surpresa perceber que o aeroporto, embora sendo peque-

no, era um aeroporto incrível. Enfim, essencialmente chegar a São Miguel foi uma grande descoberta.

Na sua obra está muito presente a mensagem, seja ela escrita ou não. Quais são os seus principais temas e objetivos?

Sou muito influenciada pelo que vejo, pelo que ouço, pelo que experiencio.

Por norma, a paisagem está presente e os 4 elementos também, seja através do próprio processo da cerâmica ou da própria representação. A influência dos elementos marinhos é inevitável e tenho-me dedicado a essa exploração com técnicas novas. Sobretudo, trabalho muito com conceitos, que represento através do desenho em composições únicas direcionadas a alguém específico. O objetivo é chegar o mais perto possível das emoções do outro utilizando a minha





linguagem de trabalho. Há sempre mensagens a passar ações a tomar. Preocupa-me sobretudo a quantidade de coisas que se produzem e ficam no planeta... incluindo o meu trabalho. Então, procuro reduzir a utilização de matérias e materiais nocivos ou prolongar-lhes a vida através da reutilização. Trabalho frequentemente com itens reutilizados. Neste sentido, a cerâmica é a matéria perfeita, pode ter uma duração de milhares de anos. Este fator foi fundamental para me direcionar para o trabalho com a cerâmica.

Trabalhar o barro é em si uma mensagem de preservação de Saber e Tradição.

O objetivo é sempre inovar na infindável possibilidade que o saber permite.

Quais foram as principais influências que marcaram o teu percurso criativo?

A principal influência que marcou o meu percurso foi ter estudado numa escola onde todos os alunos eram superativos e faziam imensas coisas, criava-se espontaneamente a qualquer hora do dia ou da noite. E, eu viquei-me em ser assim e aprendi um ritmo de trabalho!

Através de trabalho contínuo, consegui desenvolver uma linguagem e um método. A nível de influências é um misto de muitas coisas, que também passam pelas esculturas e padrões de Niki de Saint Phalle. Contudo, julgo que é mais importante a experiência social e a vivência.

Foi primordial o cruzamento com a Sandra Trindade que é ceramista e outrora fomos da mesma turma. Foi ela, (que tem e para mim sempre teve, um trabalho de excelência), que me introduziu à cerâmica, mostrando-me e explicando-me o básico. Passei a fazer as peças em casa e a levar-lhe para cozer, ao atelier onde ela estava. Estávamos, se calhar, em 2004/05!

Foi fundamental o estágio com o Mestre Oleiro Joaquim Tavares em São Pedro do Corval, aqui aprendi a técnica tradicional, com a sua necessidade de resposta de trabalho e técnica, sobretudo de roda de oleiro.

A influência é sempre tudo o que transportamos connosco.



© Monique Sainz

O que é a Matéria 47 Arts & Crafts Atelier?

A Matéria 47 é um atelier de cerâmica com loja e é um negócio familiar, localizado na Rua Padre Serrão 47 – em Ponta Delgada. Sou a única que está a tempo inteiro no atelier, o meu marido Nelson está sobretudo ao fim de semana e a Maria Delmar, as mãozinhas de 6 anos produzem quase diariamente.

É um sonho pensado de muitos anos e uma coleção de material, equipamentos e saber também com muitos anos. A Matéria 47 é a Matéria de que são feitos os Sonhos, uma espécie de novo elemento da tabela periódica!

Tudo o que vendemos na loja é produzido por nós e de vez em quando aceitamos algumas encomendas, dependendo do trabalho. O espaço é ocupado diariamente por pessoas distintas com diferentes objetivos e quase todos os dias há novas fornadas a sair com trabalhos incríveis feitos por mãos locais e de todos os continentes do planeta, mãos pequenas e mãos grandes.

A formação faz parte da sua multipla atividade, com workshops, ateliers, oficinas, e que englobam todas as

idades. O que lhe dá mais satisfação, ver uma criação sua, ou dos visitantes do seu Atelier? Essa interação com outras pessoas também são fonte de inspiração?

Como em tudo na vida, há sempre uma dualidade. Dá-me satisfação plena a minha criação, contudo, também me satisfaz bastante transmitir conhecimento e criar com o outro. As aulas ocupam uma fatia grande dos meus dias e sim, por vezes, tenho dificuldade em ter tempo e espaço para criar. Considero que as aulas são bastante enriquecedoras também para os meus próprios processos criativos, uma vez que, há sempre experimentação e desenvolvimento técnico a cada aula que dou, solidificando mais os meus conhecimentos. Fico muito feliz quando vejo os resultados dos meus alunos e alunas, quer tenham 6 ou 60 anos!

Podemos encontrar online, a atividade “Self Making Souvenir-Pintura de Azulejo”. Em que consiste esta experiência?

Esta experiência, pode ser agendada através dos vários canais de que dispomos online e tem como objetivo pintar um azulejo com a mesma técnica que uti-



© Monique Sainz

lizávamos há 100 anos na nossa azulejaria. É direcionada essencialmente para turistas, tendo também procura por parte de locais e continentais.

Inicialmente, é feita uma introdução à história dos azulejos a fim de se perceber de onde vieram e como chegaram a estas ilhas. Após isto, cada pessoa cria a sua própria mandala através de dobragem, desenho e recorte e, após seleção de cores, pinta-a num azulejo. Teremos tantos resultados diferentes quanto pessoas a fazê-lo. É um trabalho que nunca se esgota nos padrões criados. É uma viagem enriquecedora no tempo, que ensina a valorizar os azulejos e o saber ancestral através de uma experiência pessoal relaxante.

Após 3 dias, os azulejos podem ser levantados no balcão da nossa loja, consistindo numa memória muito bonita da estadia em São Miguel/Portugal.

E em que consistem as “Matérias de Verão, Oficinas de Cerâmica Criativa”?

As Matérias de Verão são Oficinas que acontecem anualmente em Agosto e são direcionadas para o público infantil e juvenil. São 4 oficinas distintas, duas por semana, cujo objetivo é ter um desafio diferente em cada uma delas. A cada oficina, os alunos, fazem e engobam o seu trabalho. Terminos os acabamentos e tomo conta dos trabalhos até estarem secos. Após isto, cozem de chacota, vidro-os e cozem novamente de vidrado. São entregues a partir de um mês após a oficina.

Criam-se peças decorativas e utilitárias e o objetivo costuma ser comum. Os resultados são sempre objetos esteticamente bastante interessantes. O interesse pela cerâmica tem vindo a aumentar consideravelmente, em todas as idades.



© Monique Sainz

É uma das artistas colaboradoras da MiratecArts. Como é que esta entidade tem contribuído para a evolução da sua vida no setor artístico?

A MiratecArts tem tido um papel muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho, quer do ponto de vista da valorização do próprio trabalho através dos desafios que lança com regularidade quer através do trabalho de promoção que faz continuamente através dos seus meios, abertos ao mundo.

Já fiz muitos projetos com a MiratecArts... desde pintura mural, ilustração, cerâmica *in situ* na Galeria Costa, na ilha do Pico, oficinas para crianças.... São 11 anos de participações diversas com a MiratecArts, especialmente no Azores Fringe Festival e Festival da Montanha.

É fundamental que exista a MiratecArts, é uma inspiração para artistas e um motivo para criação.

É um orgulho fazer parte da MiratecArts!



© Monique Sainz

Projetos para 2024?

Ora...o ano já vai a meio! É continuar sempre sem interromper a continuidade do trabalho. Pretendo ver resultados de algumas investigações que ando a fazer sobre compatibilidade de materiais e processos de adequação dos mesmos. Há sempre tanta coisa a aprender no mundo da alquimia cerâmica.

Projetos para além dos que tenho diariamente, há um projeto acerca da Natália

Correia que ainda está na gaveta e a colocação no destino final, de uma obra já feita. Projetos pequenos vai sempre havendo o ano inteiro.

Uma mensagem para todos os artistas do mundo.

Persistir sempre! Só a persistência no trabalho poderá conduzir a um trabalho sólido e a uma linguagem constante e evolutiva.



Terry Costa

Presidente do Conselho Cultural da AILD

CONSELHO DA DIÁSPORA PORTUGUESA

EurAfrican Forum 2024

Portugal: plataforma de diálogo, cooperação e desenvolvimento entre Europa e África



O EurAfrican Forum 2024, evento promovido pelo Conselho da Diáspora Portuguesa, teve lugar na Universidade Nova SBE, em Carcavelos – Cascais nos dias 15 e 16 de julho, com o tema nesta sua sétima edição “África: O próximo capítulo – parcerias para o crescimento”. O evento, com uma assistência recorde de 500 pessoas em cada um dos dois dias, juntou líderes políticos, institucionais, empresariais,

referentes do mundo da ciência e da tecnologia e também do mundo cultural dos dois continentes.

Todos estes líderes assim como as diversas organizações europeias e africanas representadas tiveram como grande objetivo, um debate rigoroso, construtivo, atual e inclusivo, apoiado em ideias, propostas, realidades e projetos com interesse mútuo para os dois continentes.



Com 74 oradores provenientes de 35 países, dos quais 18 eram países africanos, o EurAfrican Forum 2024 demonstrou, uma vez mais, ser uma plataforma de excelência no que respeita ao contacto internacional e softpower orientada para o estímulo da colaboração, pública e privada, entre Europa e a África. António Calçada de Sá, Presidente da Direção do Conselho da Diáspora, afirmou perante os participantes que “sobre a estratégia de cooperação Europa – África, sobre os inúmeros projetos, sobre as necessidades e sobre as grandes oportunidades, todos estamos de acordo. O problema não é de estratégia, o problema é de execução. E, nesse sentido, torna-se imprescindível um plano concreto, um plano com alguns projetos determinantes apoiado pelo setor público e privado dos dois continentes. Trata-se de identificar os 10-20 projetos de futuro de maior impacto (entre outros, nas áreas da educação, saúde, infraestruturas, energia, indústria, digitalização) e promo-

ver alianças robustas que representem compromissos e pactos de estado perduráveis no tempo. Só assim se poderá gerar a estabilidade e a confiança necessária aos grandes investimentos”.

“A tecnologia e o conhecimento das empresas portuguesas e europeias não são suficientes para entrar em África, é fundamental haver uma verdadeira parceria entre iguais”. O Presidente da Direção destacou ainda que “não basta levar recursos para África e esperar que tudo aconteça por magia. Tem de ser um processo colaborativo, com programas aceites de forma bilateral, é “dar e receber”, e a Europa e Portugal estão muito bem-posicionados nesta relação bilateral. Temos de ter uma agenda comum que toque estes setores, e tem de haver apoio institucional total para podermos avançar. Se fizermos isso, tudo o que está na estratégia vai acontecer, e se fizermos isso bem, então vai acontecer melhor e mais depressa”.

José Manuel Durão Barroso, Chairman do EurAfrican Forum, salientou a importância do evento destacando que “as parcerias são absolutamente fundamentais para o crescimento e desenvolvimento sustentável, especialmente no contexto globalizado em que vivemos atualmente. O EurAfrican Forum é uma plataforma que reúne no mesmo local líderes governamentais, especialistas de diversas áreas, academia, empreendedores, investidores, entre outras entidades que, durante dois dias, debateram a melhor forma de capitalizar as sinergias de recursos, conhecimento, acesso a novos mercados, inovação e investigação e desenvolvimento de infraestruturas, para a promoção do crescimento e garante de um futuro sustentável para todos”. Durante dois dias, dezenas de líderes globais, governantes, políticos, empresários, investigadores e académicos, debateram-se sobre temas estratégicos para a cooperação entre os dois continentes, como Investimento e Internacionalização, Energia e Minas, Igualdade de Género, Educação, Agronegócio, Digitalização, Geopolítica, Infraestruturas, Desporto e Saúde.

Entre os mais de 70 oradores que participaram no EurAfrican Forum 2024, destacam-se, entre outros, Paulo Rangel, Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros de Portugal; Pedro Reis, Ministro da Economia de Portugal; Maria da Graça Carvalho, Ministra do Ambiente e Energia de Portugal; Sílvia Lutucuta, Ministra da Saúde de Angola; Paulo Portas, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros e Vice Primeiro Ministro de Portugal; Suzi Barbosa, antiga Ministra dos Negócios Estrangeiros da Guiné-Bissau; Mário Campolargo, antigo Secretário de Estado da Digitalização e da Modernização Administrativa; Ana Fontoura Gouveia, antiga Secretária de Estado da Energia de Portugal; Nelma Pontes Fernandes, Presidente da Confederação Empresarial dos países CPLP; Hans Martens, Diretor Executivo do Centro de Política Europeia; Marie-Ange Saraka-Yao, Diretora de Mobilização de Recursos e Crescimento da GAVI (Global Vaccine Alliance); Emanuel Macedo Medeiros, CEO da Sport Integrity Global Alliance; Susana Feitor, Atleta Olímpica e Vivian Onano, ativista, influencer e empresária social do Quênia.





Na “Conversa de Presidentes”, que encerrou a sétima edição do EurAfrican Forum 2024, e que trouxe a Portugal o Presidente das Ilhas Maurícias, o Presidente da República Portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, apontou o facto de “por vezes não percebemos o quão importante África é para a Europa, não só por ser o continente do futuro, mas também porque por vezes não percebemos o que se passa em África, em diferentes países e regiões. Estamos tão consumidos com os problemas europeus que nos esquecemos do nosso vizinho mais próximo, África”. Já o Presidente das Ilhas Maurícias, Prithvirajsing Roopun, defendeu que o continente africano não é apenas um, sendo composto por 54 países que “não são homogêneos nem podem ser colocados todos no mesmo cesto, porque cada um tem a sua cultura e a sua maneira de ver o mundo”, por isso, “a conexão não deve ser apenas bilateral, mas sim continental, entre dois continentes que precisam de trabalhar juntos”.

A participação do 7.º Presidente das Maurícias no EurAfrican Forum inseriu-se no programa oficial da sua primeira Visita de Estado a Portugal que visa estreitar relações entre o nosso país e a República das Ilhas Maurícias, debatendo oportunidades de cooperação com interesse mútuo para os continentes Europeu e Africano. Neste âmbito, o Presidente Roopun mostrou-se interessado em aprofundar a cooperação com

Portugal, nomeadamente na economia azul e nas energias renováveis, áreas que elencou, entre outras.

A sétima edição do EurAfrican Forum trouxe consigo algumas novidades. Foram incluídos mais temas para análise e debate, temas estes definidos de acordo com um estudo realizado junto dos participantes da edição de 2023 sobre a oportunidade e pertinência de cada área no momento que vivemos, criando uma maior oportunidade para refletir e correlacionar todos eles, com vista a reforçar as sinergias entre Europa e África nos mais diversos setores da sociedade.

Pela primeira vez, e para tornar o encontro mais ágil, alguns dos painéis do encontro foram distribuídos em sessões paralelas, permitindo aprofundar mais cada tema junto dos interessados. Este ano, o CDP apostou também na inovação, na tecnologia, na agilidade de contacto e de comunicação e apresentou a app oficial EurAfrican Forum. Como plataforma centralizada do evento, foi possível realizar inscrições para as sessões paralelas, consultar o programa online, obter informação acerca dos painéis, comunicar diretamente com a organização e os oradores, entre outras funcionalidades.

Sem dúvida a mais participada até à data, esta edição do EurAfrican Forum 2024 contribuiu para afirmar o papel central de Portugal na promoção do diálogo, cooperação e desenvolvimento entre os continentes europeu e africano.

AMBIENTE

O papel da IA na sustentabilidade

A Inteligência Artificial (IA) começa a assumir um papel importante na preservação ambiental e na construção de um futuro mais sustentável. A implementação de sistemas integrados de IA está a promover mudanças significativas em vários sectores de actividade, possibilitando a análise de grandes quantidades de dados num curto período de tempo, permitindo, desse modo, a libertação dos profissionais para outros tipos de tarefas.

Além de uma melhor optimização na gestão de recursos,

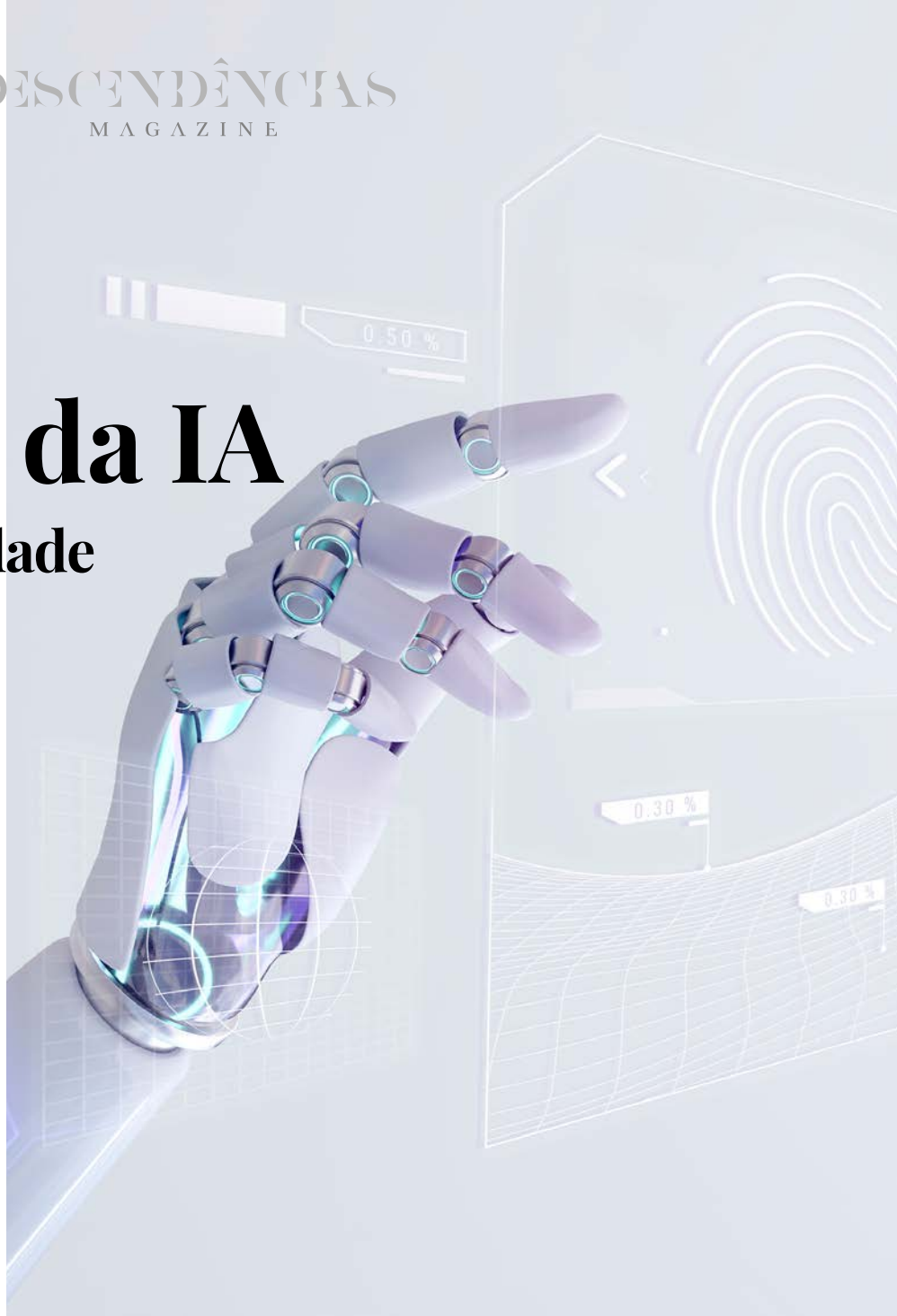
os processos baseados em IA permitem um maior foco no desenvolvimento de práticas mais sustentáveis.

Ao contrário da análise manual de dados, sempre muito morosa, a análise assente em IA permite gerir e analisar uma grande complexidade de dados, possibilitando a preparação atempada das organizações para eventuais cenários futuros, nomeadamente, em termos de impactos provocados pelas alterações climáticas e pelas crises económicas.

Apesar dos grandes benefícios advindos da utilização massiva da IA, importa referir os correspondentes custos ambientais e financeiros inerentes à utilização dessa tecnologia. O maior deles está relacionado com as

elevadas necessidades energéticas e de recursos necessários à construção e alimentação dos grandes centros de dados, imprescindíveis ao funcionamento da IA. Perante isto, urge uma avaliação cuidada, no sentido de se determinar se os benefícios superam os custos e em que medida.

A IA aplicada às plataformas de gestão de dados permite agilizar as medidas de sustentabilidade e moldar futuras estratégias. Ao permitir a ligação de diferentes softwares e bases de dados, facilita a transferência de elementos de um modo mais rápido, automatizado e eficiente, além de reduzir a probabilidade de erros associados às entradas manuais.

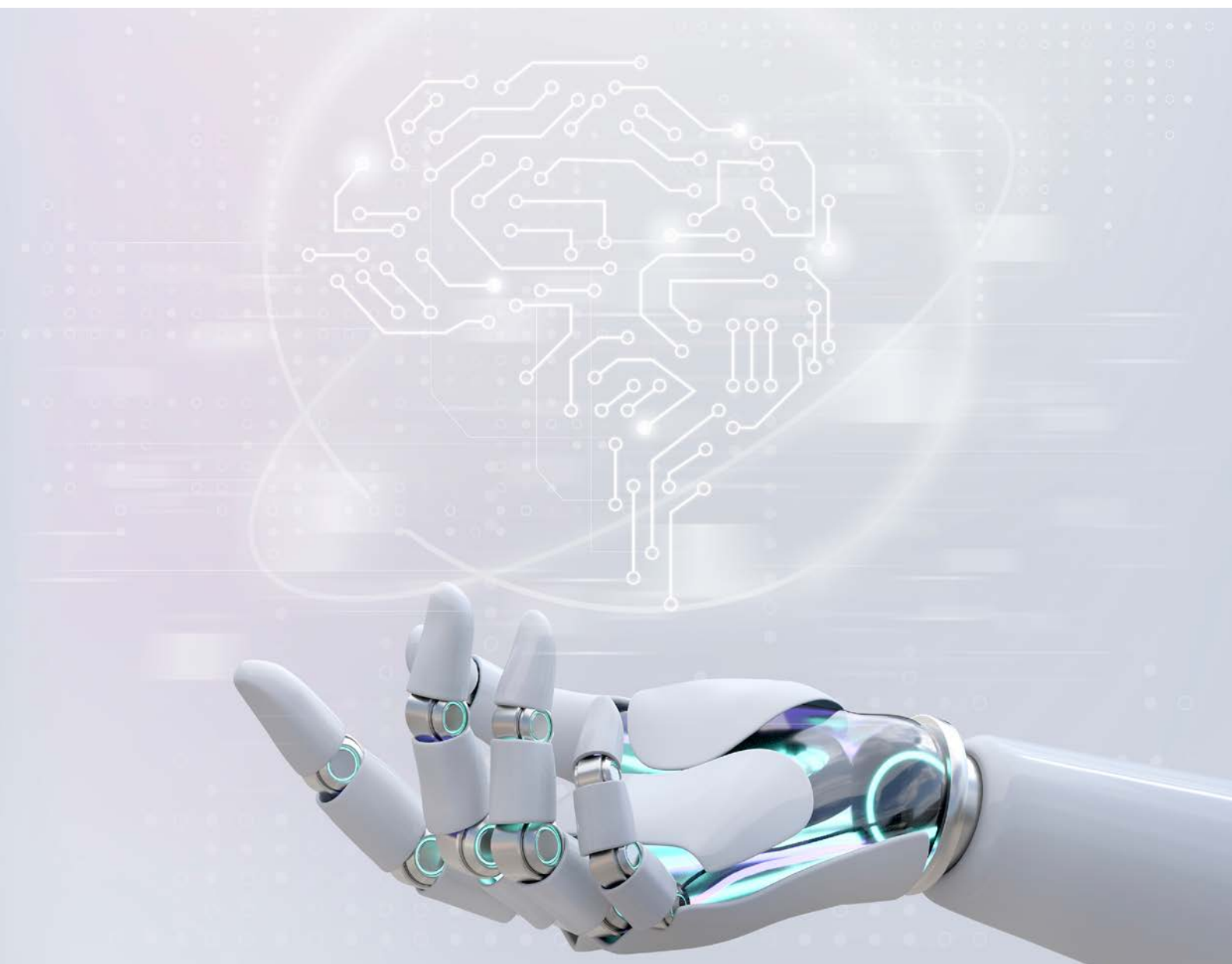




No futuro, com apenas um clique será possível actualizar extensos relatórios de sustentabilidade num ápice. Isto permitirá libertar os profissionais da recolha rotineira de dados, passando aqueles a dispor de mais tempo para o planeamento e definição de estratégias e para a avaliação dos impactes.

Quando bem aplicada, a IA poderá reduzir os impactes

ambientais das empresas, melhorar a competitividade, reduzir os desperdícios e melhorar a eficiência energética. Apesar das consideráveis vantagens decorrentes da utilização da IA, não devemos descuidar a intervenção e supervisão humanas. A IA deve ser entendida como uma ferramenta coadjuvante das actividades de sustentabilidade ambiental e não como um elemento de substituição das



decisões dos profissionais. Importa manter a transparência dos procedimentos e a verificação dos dados para se evitarem erros. As questões relacionadas com a responsabilização continuam a apresentar-se como um calcanhar de Aquiles na adoção da IA aplicada à sustentabilidade. Urge que se estabeleça quem se responsabiliza pelas decisões tomadas. Em nenhum momento, as recomendações

da IA poderão substituir-se às decisões humanas. Aqueles, quando muito, servirão de suporte de informação e melhoramento à supervisão e governação dos profissionais humanos.

É fundamental que exista uma abordagem equilibrada na utilização da IA aplicada às questões ambientais e à sustentabilidade.



Vitor Afonso
Mestre em TIC



| LUSO-CRIANÇA

Dicas de bem-estar

Continuo a propor-te que faças uma transição para uma vida mais saudável e feliz!

Hoje vou explicar-te porque são alguns dos peixes do mar tão brilhantes e velozes.

As algas marinhas são vegetais nascidos no mar. Um dia vou falar-te dos vegetais nascidos na terra, mas hoje escrevo sobre algas marinhas.

Elas são um alimento, que embora não seja muito habitual em Portugal - e temos tanto mar! - estão cheias de nutrientes como proteínas, minerais (como o iodo e o cálcio e tantos outros), assim como múltiplas vitaminas como a B12, que tanta falta faz a quem não come alimentos de origem animal. As algas também contêm fibras que assumem um papel fundamental na regulação intestinal.

Nunca te esqueças que o intestino é o órgão mais importante na prevenção de muitas doenças, ou seja, na nossa imunidade. Mas as fibras existentes nas algas também fazem reduzir a absorção de gorduras e açúcares maus em excesso que tenhas ingerido. Como podes constatar, as algas são um super alimento que faz magia no nosso corpo. Também ajudam a fortalecer unhas e cabelo.

As algas mais comercializadas em Portugal são a Wakame; a Aramé; a Nori; a Kombu e outras, mas a minha preferida é a Hiziki porque faço divertidas gelatinas e bolos com ela. Entendes agora porque são os peixes tão brilhantes? Comem muitas algas! Eles não as podem comer na sopa, mas tu podes. Não te esqueças: são vegetais, mas do Mar.

Nota: Existem pessoas alérgicas a algumas algas.



Madalena Pires de Lima
Escritora

| TRADIÇÕES LUSAS

Negrinhas de Freixo

Azeitonas, e Alcaparras delas



Gosto delas, gosto
até da toma daqueles vocábulos!

As causas dos agrónomos. Esta olea drupa
étimo grego que outrora terá personificado a azeitona
madura – o somatório do epicarpo, mesocarpo e endocarpo
– é o nobre fruto da oliveira. A azeitona que procria as [nos-
sas] alcaparras. Atinge a plena maturação no período outono

–invernal, mais ou menos entre a apanha da castanha listada
e o findar do chorincar dos recos; mas, a partir do momento
em que fica agordalhada, bem cheia e disponível prás sortes

pode [re] colher-se, ripando-se, em diferentes fases
verdes, mistas e pretas, do verde pálido ao negro tismado,
para conservar uns bons tempos, para consumo em fresco, e
levar à mesa, após tratamento específico, ou para azeitar se



forem dessa laia ou ano de fartura delas e o destino patronal assim o determinar. Em condições climáticas normais, com uns bons arejos na altura da floração e umas trovoadas ajuizadas de permeio, este processo de crescimento leva-lhe cerca de cinco e não mais de seis meses [...] Nas contas colheteiras, à ripa e ao cesto, os historiadores mais habilitados no percurso das suas serventias conserveiras admitem que foram os helénicos [os primeiros] a utilizá-las para consumo directo, à mesa e de mero acompanhamento, aí pelo século V a.C., entre os conflitos culturais do expansionismo persa e as platónicas ironias socráticas. Curtidas e em pastas

eliminando-lhe parte do amargor proveniente da oleuropeína

(o principal composto fenólico de protecção à oxidação natural dos frutos), mediante banhos e mais banhos de água corrente e um acabamento com vinagre de qualquer vinho, cascas e sumos de frutas ácidas, conservando-as inteiras, apenas picadas ao de leve, às vezes descaroçadas depois de britadas, tão-só cortadas ou cortilhadas, golpeadas, socadas, quebradas, esmagadas, piladas ao fogo, ressecadas ao sol e no forno (...) ou numa salmoura com ervas aromáticas que lhe induziam outros sabores mais ressabidos. Considerando, então, a longevidade da árvore de Minerva e do mito de Aracne, o Homem teve tempo suficiente e a paciência necessária para aprender a servir-se dela, a manuseá-las, sobretudo no destino a dar aos seus frutos tão medonhamente amargos -

ao sabor das ideias de cada curadeira e da arte de cada povo. A sorte estava lançada. Por cá, por Trás-os-Montes e Alto Douro

território olivícola de arrumo alicerçado há mais de 400 anos

a Negrinha, não borraceira, a Negrinha de Freixo para curtir, Azeitoneira de talha, ainda hoje é a única variedade transmontana de uso quase exclusivo para conserva. É [muito] boa para botar em cima da mesa e de ajuda ao petisco, porque, na sensatez das curadeiras, a carabunha dela é pequena e solta-se facilmente da carne. Para os dendrólatras olivícolas, taxonomistas de artes agronómicas, a [nossa] Negrinha é um arborico de porte ligeiramente atarracado, reboquinha, sapuda, de arborescência amoitada mas de bom penteio à limpa (e à ripa), com ramificações medianas e folhas decussadas a dar para o pequenote, curtas e estreitas. É uma oliveira precoce e bastante produtiva, bem mais que as suas aparentadas (...) Brota regularmente floração temporã e arreia facilmente quando estacada em sairinhos de chão fundo e dotada de água de boas regueiras. É de frutificações regulares, equilibradas, manifestando boa capacidade de propagação quer por estaca herbácea quer lenhosa. Os frutos, as tais drupas de peso generoso, ficam ovóides à medida que engrossam ou elipsoidais em terras esqueléticas e quando os anos são de águas minguadas. São luzidios, lisos, de meio tamanho, consistência firme, ligeiramente assimétricos, com

fracos rendimentos em azeite, pobres em ácido linoleico – ingrediente funcional e de defesa antioxidante – e aromticamente pouco expressivos. São azeitonas de colheita fácil e com queda acentuada em plena maturação. É uma azeitoneira de satisfatória resistência às maleitas da gafa, alguma rejeição ao bicho da azeitona – a principal praga da região ribeirinha ao Douro e de consequências desastrosas na queda prematura dos frutos, além da diminuição dos rendimentos em azeite e deterioração da qualidade por aumento da acidez – mas melindrosa aos andaços de tuberculose e à cochoilha-negra que induz ao aparecimento de fumaginas. Quanto à provável procedência, quanto à sua naturalidade, julga-se que os primeiros exemplares desta azeitoneira de nomeadas em fartura só vieram de Cáceres, ou que fosse dali perto, talvez das cercanias ao cerejeiro Valle del Jerte ou dos chãos do madrilenho Campo Real, talvez dos termos realengos de Toledo ou dos olivares de Ciudad Rodrigo, aí pela sequência dos séculos XIII/XV e à boleia da dinâmica estalajadeira associada aos caminhos de peregrinação a Santiago

[primeiro] para os domínios do Mosteiro de S^{ta} M^a de Aguiar

[daí] para terras avistadas da Sapinha, até São Cibrão, ao sítio da Brita, das arribanzas aos chãos da Ribeira do Mosteiro, e à beira Douro, onde se conservam exemplares notoriamente plantados nestas datas de (e pós) Reconquista, algumas delas com ‘capado’ de mais de oito metros, mas, na sequência da colonizações filipinas e em anos já acercados

aos dias de hoje, muito a proveito da chegada dos primeiros rabelos comerciais a Barca d’Alva [por volta de 1811] e do comboio até bem longe da vizinhança, ou da dinâmica dos lavradores da época, por ser uma azeitona apropriada para a guarda em verde, também de maturação temporã, a primeira delas, debandaram, espalharam-se com sucesso por todo o Vale do Douro Superior e um pouco pela Terra Quente Transmontana.

Conservar. Curas, curtimenta e identidades.

Desde que qualquer transmontano se deite às lembranças, desenvolveu-se por toda a região uma autêntica romaria de sabores azeitonados... Azeitonas aromatizadas com ervas de recolha, conservadas em salmoura de sementes salseiras com mosto cozido e águas meladas, ao estilo dali ou dacolá, à moda desta ou daquela, mais ou menos fermentadas, simplesmente inteiras ou cortadas a rigor, apenas golpeadas, divididas a preceito ou enviesadas, quartilhadas, desidratadas, fatiadas depois de descaroçadas, recheadas do que fosse possível, amanhadas em vinagretes de vinho, secas ao sol, de escabeche simples, aromatizado ou em molho vilão, pican-tes ou não, curtidas em cinzas carrasqueiras ou conservadas em azeite, esmagadas ou britadas, às rodela, em alcaparras delas, e por aí adiante... O importante era que durassem muito, muito, pelo menos até se abeirar a nova colheita, e evidenciassem a gana e a artimanha de cada curadeira. Tratar o amargor da drupa azeitona, (curti-las com conta peso e medida), ainda hoje é uma rotina de época; e escolhem-se sem-





pre as melhores das Negrinhas ou de outras variedades também apropriadas para a conserva – da medrada Redondal, ou das ambivalentes Carrasquenha e Cobrançosa, à gordalhuda Santulhana. E poucas já serão as mesas (não só as de engenho caseiro) que dispensem – a seu tempo – a presença de azeitonas de entrada ou de acompanhamento a qualquer tipo de refeição. No [nosso] vocabulário gastronómico, as azeitonas de mesa – e as alcaparras delas – encaram-se como comidas de lastro, sustento de mero lambisco, como perfeitos ajudantes de afiar o dente e fazer a boca, em comeres de merendeiros ou de pura cortesia

enfim, são azeitonas de bô cadorno.

Adoçar azeitonas p'rá talha, refreá-las do excesso de acidez, quebrar-lhe os teores da tal oleuropeína, amansá-las de amargor e perfumá-las com ervas e sabores de outras proveniências, foi em tempos uma tradição popular associada ao aproveitamento dos frutos caídos ainda em verde e já grandotes ou das primeiras azeitonas das árvores mais jovens – das variedades mais precoces, as temporãs, e/ou de rendimentos fracotes em azeite, pela acção dos rebusqueiros, por norma os vileiros mais carenciados ou sem pertenças, principalmente nos períodos pós-vindimas – deixadas a

perder o verdor em nassas, côvos, cestos peixeiros e sacos de rede colocados de cascalheira e em contra-corrente na ribeira mais próxima de casa e do local de recolha ou nas pesqueiras mais discretas.

Azeitonas quartilhadas

Preparar a cura das “azeitonas quartilhadas”, a designação mais corriqueira para estes amanhos de resguarda, em método tão popularizado como ancestral nos créditos dos mais antigos, é tão simples como isto [...] talham-se as mais carnudas em retalho longitudinal, em dois a três cortes, e põem-se de repouso numa água bem frescota que deve ser mudada de três em três dias, durante duas semanas (...) até adoçarem ao gosto de cada um. Depois trabalha-se a salga, testando-se (outros tempos!) a eficácia com o aboiar de um ovo do dia – se o ovo ficar meio de fora da água quer dizer que a salga está no ponto, se ficar tapado de água, o sal é insuficiente, e se flutuar por inteiro é porque tem saleira a mais; [a seguir] já de salga aprontada, juntam-se as azeitonas golpeadas e os temperos de uso na casa com uma benzedura de alento à sua sorte.

As [nossas] Alcaparras, as Origens.



Em juízo das curadeiras mais abalizadas pelo seu desempenho (e testemunhos não faltam), as melhores alcaparras no Vale do Douro Superior aprontavam-se das Negrinhas ainda verdes, sem amostra de pintas, ainda bem tesas, e de recolha no tempo do varejo da amêndoa até à plena vindima. Na Terra Quente Transmontana e no Douro de arrumos pombalinos as contas varietais alcaparreiras são de outras competências. [Faziam-se, assim, de traquejo, horas a fio], tal como o guardo na memória

esmagavam-se em cima de um bruiço

que – a seu tempo – era desviado das partidelas da amêndoa, com o auxílio de um maçóco madeireiro, removendo-lhe o caroço britado. De seguida colocavam-se [apenas as polpas] em vasos de barro e lavavam-se em água fervente, retirando-se ainda morna para ser substituída por água de fonte fria. Quantas mais lavagens tivessem, Melhor! Passado uma semana, sempre a bom ritmo de banhos adoçantes, estariam – à certa – prontas para consumo, depois de temperadas de sal na última muda de água e de névedas no acabamento. Também não negavam o empenho e uma boa ajuda de outras notas ervanárias. Quanto à origem do vocábulo, «alcaparra», porque o assunto se apropria à argumentação denominativa, aquela denominação livremente perfilhada para esta forma de tratamento dado às azeitonas verdes depois de descaroçadas

apenas por estas bandas transmontano-durienses

já no início do século XIX, terá resultado, independentemente da paternidade e das voltas fónicas do vocábulo, da ambígua confusão utilitária com os botões florais das primogénitas alcaparras do subarbusto *Capparis spinosa* L., usados para disfarçar as carnes atardadas, como condimento de conservas várias ou – mesmo – de recheio a azeitonas descaroçadas. Verifica-se, ainda, da parte destas florais alcaparras uma imaginativa paridade com os frutos verdes das oliveiras lentisqueiras e zambujeiras, principalmente depois de britados. Argumento mais pertinente e menos insuspeito. Mas... caparrar, acaparrar, [al] caparrar (...) por aqui, ainda hoje quererá dizer esmagar, mascarar, enganar, desenfastiar ou [até] capar; e a esta mania de tratar as azeitonas verdes bem se podem aplicar aqueles procedimentos operativos [!] Posta de lado a semelhança física, as imitações corpóreas, analogias nutricionais ou similitudes medicinais, que não conferem nem em sombria aparência, o distinto perfil familiar ou o sabor bem afastado que de caprino nada tem, a inexistência do dito arbusto por terras transmontanas e o consequente arredio das nossas mesas

o que é acertado é que esta designação adoptada provavelmente, ainda em finais do século XVIII nas cozinhas abadescas e mais enricadas da região, época cimeira da utilização daqueles botões florais nos molhos e cozimento

das tais carnes difíceis, entrou definitivamente no dia-a-dia dessa gente já de hábitos azeitoneiros. E mais: Tudo o resto são negociatas da imaginação! É produto de época e uma reclamada identidade gastronómica regional. Confusões à parte. Em memórias, costumes ou meras parecenças, [al] caparrar azeitonas é – assim – uma prática ancestral de conservação tradicionalmente transmontano-duriense, com pelo menos dois séculos reconhecidos nos nossos hábitos alimentares e com esta similar denominação, que passou da mais simplória utilização caseira a uma generalização restaurativa e – quiçá – mercantilista a nível global. Não só para enfeitar as xurufadas nos copos de cocktail, alegrar vontades aristotélicas, iludir devaneios de mentes abstractas ou acirrar outros apetites, mas, cada vez mais, como elemento convincente na confecção de variados pratos e participante activo em actos de estímulo gastronómico. Todavia, para que ninguém se embale em arrufos despropositados ou inopinadas loucuras, o melhor é agradecer as lazeiras e amaneirar os dentes à comezaina com uns nacos de pães d'alcaparras bem

mais medrados que a ortodoxia dos parelhos helénicos ou com as panochas dos antigos rogadores durienses para qualificar a gozo os pães da ricalhada quinteira, ou – em tempos idos – no recheio das bolas lamecenses, obradas de azeitonas d'aproveito em cadornos aquecidos com um traço de carne da barbada acabada de sair das brasas, empurrá-los com a delicadeza de um vinho de fazer soltar euforias e cantar como cantarolavam as nossas apanhadeiras – missionárias destes talentos de relevar a Natureza – embaladas num arreganhado contento ao sabor de uma sanfonada de outras ideias.

As manhas. Pastas, massas e pastadas.

[Já celebradas in Elogio ao Azeite] Quando as azeitonas desmaiavam no palato, quando já chocavam de velhas e ficavam moles com um ligeiro gosto a couro sapateiro, desgastadas, prontas a deitar fora, incluindo as alcaparras delas esquecidas e as menos conseguidas na cura, quando o tempo da ripa se abeirava e havia que despachar as sobran-tes, quando sendo tão novas não passavam de um rebotalho





ao curtimento, quando o querer assim o determinasse, logo depois de descaroçadas, eram esmagadas num almofariz e transformadas numa pasta enriquecida de azeite temperada com sumo de limão ou de laranjas amargas e folharicos de salporinha, e engrossada de acabamento com um esfarelado miudinho de pão ainda fresco (e de pouco fermento). No Vale do Douro Superior, em lugares, aldeias

onde, em épocas de míngua apertada

como foram os anos de guerra e de fome, e se avivaram muitas destas memórias de desenrasque ao sustento, esta massa grumosa era consumida à merenda em cadornos de pão meado e nas cozinhas menos enricadas como tempero dos refogados mais esmerados ou de presumido apuro em assados festeiros. E mais certo o foi, até aos anos próximos do pós-guerra, um avio de bom sustimento muito utilizado pelos guardadores de gado nos pastoreios de percurso ou pelos segadores que se ausentavam de casa por períodos mais ou menos longos e as azeitonas ainda não tinham compostura razoável nem estavam prontas para a cura das alcaparras. Quando a patroa-cozinheira pretendia transformá-la em comer de substância, para refeições do dia-a-dia ou dotar me-

rendas de jornada, de botar em cima de “pão de companhia”, acrescia-lhe um migado grosseiro de atum de lata. Algumas donas de casa, mais criativas, também a ensaiavam com picados miudinhos de anchovas enlatadas e, tantas vezes, de acréscimo com tomate seco em conserva azeitada. Comeres de alívio e de conforto!

Molho de alcaparras picantes

[...] Tapava o fundo da sertã com um bocado de azeite, azeite do cedo e de bom aparto, sempre que possível das borraceiras, porque, ao certo ou nas sábias vivências de muitos, era mais amargo e a puxar a um picante pouco severo. Era o mais ajuizado para estes destinos. A prova do vinho novo ou de encosto aos merendeiros saídos das primeiras ordenhas da época [...] Deixava aquecer um nadinha, até espirrar o azeite. De seguida juntava-lhe três dentes de alho inteiros, bem grandotes e um tanto esmagados. Mexia, remexia, acrescentava-lhe duas malaguetas assanhadiças partidas a meio, o sumo e a casca de um limão mais uns cheirinhos doces de tomilhinha. Misturava tudo e retirava do fogo. Depois de esfriar o refogado, descascava os alhos salteados na fritura e esma-



gava-os novamente com o cutelo da faca. À parte, num frasco de vidro das compotas e de fecho ratoeiro, com tamanho avantajado, acomodava mais ou menos um quarto de quilo de alcaparras das mais tesas que tivesse à mão, cobrindo-as com o molho acabado de aprontar e duas ou três folhas de louro. (O frasco tinha que ficar bem atarraxado, no mínimo três dias e não mais de cinco, para ganhar o gosto da fritada.) Na altura das provas do vinho novo e de cadorno de pão na mão, preferindo o escuro de centeio, sugeria, em jeito de obrigação, um picado miudinho de cebola crua à mistura com uns folhicos de hortelã da horta e umas meias rodela de salpicão de talha para colocar por cima das alcaparras. Naquele dia até os palhetos taberneiros pareciam ser pinga a sério! (...)

As Alcaparras de Azeitonas

as alcaparras transmontanas – azeitonas verdes curtidas em água depois da extracção do caroço – integradas na enorme família das [nossas] “Azeitonas de Mesa”, tanto das Negrinhas não borraceiras como de outras boas conserveiras ou de dupla aptidão (...) até podem não saciar a gula dos estômagos mais inconformados, nem alimentar apertos fisiológicos ou refrear apetites demandados, nem aligeirar acalentadas volúpias de quem quer que seja, mas, que fazem peito para um copo bem bebido, Lá isso fazem! São comeres de elogio fácil. História e estórias não lhe faltam.

Há quem pense, até se exceda e cisme à sobreteima, que um tal grego, Aristóteles, já filosofava sobre o perfume daquelas bolinhas escuras, desses verdes pecados em negras perdições, que, agora, tanto boiam nos copos de outros cocktails.



António Manuel Monteiro
Engenheiro Agrónomo

| SAÚDE E BEM ESTAR

Visão

Sentido e sensibilidade



A visão como sabemos é um dos nossos 5 sentidos e, correndo o risco de ser tendenciosa, a verdade é que é o sentido que mais informação nos traz do mundo envolvente, integrando e dando sentido à informação que é captada também pelos outros sentidos, e por isso mesmo é comum ouvirmos a frase “ver para crer”!

O olho é o órgão sensorial responsável pela captação da luz, que atravessa estruturas transparentes (a córnea e o

cristalino) até chegar à retina (onde estão os foto-receptores). Aí a energia luminosa é transformada em impulsos nervosos que vão pelo nervo ótico até ao cérebro, onde a imagem é interpretada. Como vêem o sistema visual é por si só uma obra de arte!

Qualquer distúrbio que interfira com o sistema visual, em qualquer um destes níveis que referi, pode condicionar deficiência visual e, por isso, alterar a forma como ace-



Explorar a arte através do toque

Esta experiência sensorial deverá ser acompanhada por outra pessoa, que será o guia para conduzir pela exposição. **Não o faça sozinho!**

Siga os seguintes passos

demos ao mundo. O projecto Realces tem antes de mais a sensibilidade de nos alertar e de fazer reflectir para isso: **nós não vemos todos o mundo e a arte da mesma maneira!**

Pessoas com baixa visão e cegueira enfrentam desafios diários, como andar, ter acesso à informação, participar em actividades, trabalhar/estudar, entre outras. Não havendo possibilidade de restaurar a visão, o intuito da reabilitação visual nas consultas de baixa visão é o de potenciar a visão residual e treinar capacidades que a permitam usar no quotidiano, promovendo a autonomia, com a sensibilidade de ir ao encontro

das necessidades de cada pessoa (entendendo que não queremos todos a mesma coisa e que possuímos objectivos visuais diferentes).

O plano de ajudas passa frequentemente pela utilização de uma iluminação adequada, de filtros, de ajudas ópticas para perto como as lupas ou para longe como os telescópios, ampliadores electrónicos (que podem ter software que transforma texto em voz), sistemas de ampliação digital como computadores e os próprios telemóveis com aplicações úteis para a baixa visão. É uma consulta que envolve multidisciplinaridade uma vez que é fácil compreender

que a baixa visão tem implicações no desenvolvimento, na aprendizagem, na saúde mental, na motricidade, e também a nível social.

No entanto, para uma reabilitação visual verdadeiramente justa e plena, deve estender-se a todas as esferas de interesse do indivíduo, incluindo também o desporto, a cultura e a arte. E esta exposição ao destacar a importância do uso de outros sentidos, bem como da visão residual, num espaço que promove uma sociedade mais inclusiva e acessível a todos, é sem dúvida um projecto que realça uma grande visão, sentido e sensibilidade.

Exposição “Realces”



Mónica Loureiro
Médica especialista em Oftalmologia



FUNDAÇÃO AEP

A diáspora na agenda política nacional

Consciente do enorme potencial da diáspora, os Governos têm vindo a desenvolver, ao longo dos anos, inúmeras iniciativas relacionadas com as comunidades portuguesas, a fim de promover os recursos nacionais, modernizar a ligação entre as instituições portuguesas e a diáspora, investir no intercâmbio económico, social, educativo e cultural, bem como, em permanência, vincar a importância e am-

plificar o papel das comunidades portuguesas no mundo. Para o efeito, e no sentido de incentivar o investimento, o empreendedorismo e a internacionalização, por iniciativa da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, foi criado o Gabinete de Apoio ao Investidor da Diáspora (GAID), que se caracteriza como uma “plataforma orgânica vocacionada para identificar, apoiar e facilitar o mi-

cro e pequeno investimento com origem nas Comunidades Portuguesas e Lusodescendentes dirigido a Portugal, acompanhar projetos em curso ou em perspetiva e estimular e orientar as iniciativas de internacionalização de empresas de base regional, da referida dimensão”.

Salientam-se ainda outras iniciativas desenvolvidas pelo anterior Governo, como os Encontros de Investidores da Diáspora, que se realizam desde 2016 e que visam disponibilizar aos empresários portugueses no estrangeiro o acesso a informação sobre as políticas públicas de apoio ao investimento existentes em Portugal e facilitar a criação de redes de contacto e de parcerias com os empresários que aqui exercem a sua atividade.

Estes Encontros reúnem empresários, representantes de Câmaras de Comércio, Associações Empresariais, Fundações, entre muitas outras instituições.

A prioridade das políticas públicas no relacionamento económico com as comunidades portuguesas, foi consubstanciado no Programa Nacional de Apoio ao Investi-

mento da Diáspora (PNAID), lançado em 2020, que reúne um pacote de apoios e incentivos expressamente dirigido ao investimento oriundo das comunidades portuguesas no estrangeiro.

Também ainda durante o governo anterior, numa lógica de transferência de competências para o poder local, consubstanciado pelo Decreto Lei 50 de Agosto de 2018 - Lei-Quadro da transferência de competências para as autarquias locais e para as entidades intermunicipais, foram criados em todos os municípios os Gabinetes de Apoio ao Emigrante (GAE), com vínculo à Rede de Apoio aos Investidores da Diáspora (RAID) que “liga os serviços que, nas diferentes áreas da governação, entidades regionais e municípios (com destaque para os GAE), assim como as entidades do associativismo empresarial, em especial da diáspora, apoiam o investimento da diáspora e dispõem dos interlocutores, instrumentos e meios para o efeito” materializando e capacitando também, desta forma, o Decreto Lei 102 de Novembro de 2018, posterior à Lei Quadro





que transfere para os territórios e comunidades intermunicipais a captação de investimento.

Embora o atual Governo, que tomou posse no dia 3 de abril de 2024, se inscreva num outro quadrante político, verifica-se que mantém a importância da diáspora na estratégia preconizada para o País.

A consulta do Programa do Governo, faz assim referência ao potencial deste importante ativo nacional em vários domínios, o que perspetiva uma linha de continuidade nas políticas públicas de aproximação e reforço das relações com as comunidades portuguesas, conforme as seguintes transcrições.

Desde logo, preconiza “o reforço dos recursos da rede consular e câmaras de comércio, dando resposta ao crescimento da diáspora e à necessidade de reforçar a ligação efetiva entre a diáspora e o tecido económico e empresarial português. Noutro plano, é preciso reforçar os laços entre a AICEP e as Embaixadas portuguesas, e aproveitar a rede das câmaras de comércio e indústria portuguesas

no mundo e o Conselho da Diáspora para apoiar a estratégia de internacionalização e de atração de investimento estrangeiro, designadamente através da realização de um Fórum Anual da Emigração em Portugal para promover a participação da diáspora, com o objetivo de dar conhecimento aos emigrantes portugueses de oportunidades de investimento em negócios existentes ou novos negócios, comércio (export/import), e até emprego em Portugal ou fora (ex: exportação de serviços pode ser feita através de comunidades emigrantes)”.

Encontra-se assim demonstrado o alinhamento da Rede Global da Diáspora no quadro das prioridades políticas da atual governação, existindo total flexibilidade da Fundação AEP para adaptar a abordagem às comunidades, de acordo com as orientações que vierem a ser tomadas pela tutela, bem como disponibilidade para contribuir ativamente na concretização deste programa, numa relação de estreita parceria com as entidades governamentais, como tem sido até ao momento.

Obrigado e boa viagem



24 agosto

Fronteira de Vilar Formoso





PELA LENTE DE

Mafalda Correia



DESCENDÊNCIAS

MAGAZINE



DESCENDÊNCIAS

MAGAZINE



O trabalho de Mafalda Marques Correia é constituído por pinturas criadas através da manipulação digital de imagens fotográficas. A artista cria narrativas através da fotomontagem digital, habitualmente a preto e branco, procurando contar histórias que despertam a curiosidade do observador.

As suas imagens descrevem habitualmente uma perspectiva feminina — a sua — e procuram despoletar a necessidade do observador de compreender a narrativa construída, através da fruição da imagem. Não se considera uma fotógrafa, mas uma pintora que não usa pincéis nem tintas, e sim pedaços de imagens fotográficas que recolhe de bancos de imagens e da internet em geral.

Trabalha habitualmente num formato quadrado e, posteriormente, as imagens são impressas e emolduradas como se de uma fotografia digital se tratasse. O seu trabalho, embora seja impresso como uma fotografia e construído com pedaços de fotografias (porque lhe interessa essa linguagem mecânica da imagem imediata registada pela luz), é na realidade composto como uma pintura: elemento a elemento, numa construção deliberada e meticulosa, longe do imediatismo do instantâneo fotográfico, e muito mais próximo da pintura, em particular das cenas de género da pintura barroca, que a influenciam e inspiram. Mafalda Marques Correia nasceu em Viseu em 1980, licenciou-se em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto em 2003, Pós-graduou-se em Estudos da Fotografia no IADE em 2005, e tornou-se Mestre em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2010. Vive e trabalha em Lisboa desde 2003.

O seu trabalho está representado em várias colecções privadas, como a Colecção de Fotografia do Novo Banco e foi representado pela Módulo – Centro Difusor de Arte, de Mário Teixeira da Silva, de 2010 a 2023. Participou em várias exposições colectivas, sendo a mais significativa a mostra do MAAT em 2019 “Ficção e fabricação. Fotografia de arquitetura após a revolução digital”, onde viu o seu trabalho ao lado de nomes como Andreas Gursky, Martha Rosler, Thomas Ruff, Wolfgang Tillmans e Jeff Wall.





PROGRAMA REGRESSAR & Inês Rodrigues Nuno Teixeira

Regressaram a Portugal para montar o escritório em casa

Que motivos vos levaram a sair de Portugal em 2017?

Inês: O Nuno saiu de Portugal em 2016 de modo a conseguir prosseguir com a sua educação superior, visto que a área de investigação em que se encontrava na altura só acontecia em institutos no estrangeiro, nomeadamente no King's College London onde acabou por ficar.

Eu concluí o Mestrado no ano seguinte e procurei um emprego em Londres para ficar junto do Nuno.

Foi difícil a adaptação num novo país? Quais foram os principais constrangimentos?

Nuno: Felizmente estávamos ambos confortáveis com a língua inglesa, e já tínhamos alguns conhecidos em Lon-

dres, o que facilitou o processo. Contudo, a diferença de culturas entre o povo caloroso português e os mais reservados britânicos resultaram num processo de adaptação por vezes atribulado. Mesmo assim, o pior clima e alimentação, e a distância da família foram os principais motivos de alguma dificuldade.

O que vos fez regressar?

Inês: Em pleno COVID, ficámos obviamente retidos em casa bastante tempo, o que nos fez refletir sobre a importância de um país tão acolhedor como Portugal. O simples facto de poder apanhar sol mais dias por ano, casas mais acolhedoras, etc. Além disso, foi nesta altura que ambos começámos trabalhos 100% remotos, ficar em Londres



deixou de fazer sentido do ponto de vista laboral, que era o único aspeto que ainda nos retinha. Ambas as nossas empresas concordaram em mudar os contratos para Portugal, e o resto é história!

Ambos têm formação em Engenharia Biomédica e Biofísica, mas estão a trabalhar em áreas diferentes. Quais são os vossos projetos atuais?

Nuno: O curso de Engenharia Biomédica e Biofísica é muito abrangente no que toca a saídas profissionais, portanto não é descabido alunos enveredarem por áreas completamente diferentes. A Inês começou por trabalhar numa área bastante relacionada com a nossa formação, na área de segmentação de imagem médica. Rapidamente percebeu que

não era para ela e virou a sua atenção para a gestão de projetos (ainda dentro da área de ensaios clínicos). De momento trabalha para a ICON plc., uma grande empresa na área de gestão de ensaios clínicos. Eu concluí o doutoramento em física médica em 2021, mas nessa altura já estava a trabalhar numa *startup* de videojogos americana. Um bocado por acaso, acabei por enveredar pela área de Marketing dentro dessa empresa, nomeadamente na área de Marketing de Produto e Marketing de Crescimento. Atualmente trabalho noutra *startup* de videojogos, a Included Games, curiosamente sediada em Londres, como Diretor de Crescimento “Head of Growth”.

O programa Regressar deseja-vos muitas felicidades neste regresso e muitos sucessos!

Programa Regressar



José Albano
Diretor Executivo do PCRE



| FALAR PORTUGUÊS

As línguas do mês de Agosto

Hoje, fui pôr o meu carro a arranjar. Aquilo ainda era coisa para demorar uns quantos minutos e, por isso, fui com a minha mulher ao café mais próximo, à espera que o mecânico terminasse as suas operações de magia.

Para horror de alguns, durante os minutos que estivemos sentados, pouco falámos e passámos o tempo todo de cabeça inclinada para o telemóvel. A caçar Pokémons? Teria

sido bom, mas não. Estávamos a olhar para bichos bem mais complicados de apanhar e arrumar: os e-mails. Pois que, avarie-se o carro ou nem por isso, o trabalho das segundas-feiras de manhã não desaparece. E assim lá fomos passando os dedos furiosamente pelo ecrã a responder a mensagens (e, vá, admitamos, a ver uma coisita ou outra no Facebook).

O certo é que eu costumo ter um olho no ecrã e outro no que oiço à minha volta. E, umas mesas ao lado, estava uma adolescente a falar para o telemóvel. Sim, a falar. Estava numa chamada de vídeo com o namorado e, naquele café tão português (com cartazes do Benfica Tricampeão e revistas do Correio da Manhã), falavam os dois num rápido e desenvolto francês.

Sim, os emigrantes voltam e trazem os filhos. E estes, no nosso querido mês de Agosto, mantêm as amizades e os amores à distância — como todos fazemos quando temos de estar longe dos nossos. E, no meio disto tudo, as línguas não ficam muito puras, fechadas nas suas fronteiras. As línguas são como nós, no calor do Verão: despem-se e abraçam-se.

Nas praias é a mesma coisa: ouvem-se línguas diferentes, muitas delas bem misturadas. Temos os emigrantes a falar em duas línguas. Os turistas a comunicar com os vendedores de bolas de berlim com gestos e risos. Temos os sotaques do país misturados num Algarve a transbordar, salpicados de muito inglês e outras línguas mais frias. Temos outras linguagens mais universais e muitos sorrisos, muitos olhares, beijos em muitas línguas ou em nenhuma.

Se percorrermos as cidades do país, vemos o mesmo: as línguas misturam-se mais no mês de Agosto. Pelas ruas de Lisboa e do Porto, há línguas fáceis de identificar, outras

nem por isso. É fácil ver o castelhano a entornar-se pelas nossas ruas. Uma vez por outra até oiço um catalão a falar amb els seus fills, deixando-me a mim de orelhas arrebitadas e a quase todos os outros com os ombros encolhidos de tanto espanhol que por cá anda (ou será francês?).

Há surpresas... Em Peniche, onde estive este fim-de-semana, uma professora de Português contou-me que tinha conversado com um casal galego. Em que língua? Eles em galego, ela em português. Sim, começam a aparecer por aí portugueses que sabem distinguir o galego do espanhol — e que até aproveitam sem pudor essa proximidade entre o que falamos e o que falam os nossos vizinhos a norte. Curioso, não é?

Isto, claro, não acontece só por cá: em toda a Europa o mapa das línguas fica pintado de muito mais cores do que o normal. Agosto é assim: um bom mês para descontrair e esquecer, nem que seja por momentos, certas fronteiras.

Ah, queriam conclusões, indignações, um artigo com mais sumo? Este é um artigo leve, de Verão. Aproveitem esse outro sumo que está à vossa frente, na esplanada da praia. Só vos quis fazer um convite para aproveitarem estes dias quentes de ouvidos um pouco mais abertos para as palavras diferentes que ouvimos por aí. E, se quiserem, metam pelo meio conversas e beijos entre as línguas que quiserem. É Agosto, ninguém leva a mal.



Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

| FISCAL

Férias fiscais

Todos os contribuintes, pessoas singulares e coletivas, tem a possibilidade de gozar no mês de agosto de umas férias fiscais!

Os contribuintes que não quiserem ver as suas férias perturbadas com obrigações fiscais, notificações fiscais, pagamento de impostos e contribuições para a segurança social, têm de gozá-las em agosto com certeza.

Assim, por exemplo, o envio da Declaração Mensal de Remunerações à Segurança Social relativas ao mês de julho, passa a ter como data-limite o dia 25 de agosto.

Também referentes a julho, o envio das Declaração de retenções na fonte de IRS / IRC, da Declaração Mensal de Remunerações à AT e da Declaração Recapitulativa do IVA passa a ter data-limite de 31 de agosto.

Outras obrigações de julho como é o caso do pagamento do IMI, pagamento do IRS e envio da Declaração Modelo 30 têm data-limite de 2 de setembro.



O IVA, porém, teve um tratamento diferenciado, o envio da declaração passou de agosto para 20 de setembro e o pagamento para 25 de setembro.

Nada como umas férias fiscais!

O problema das férias, é que normalmente faz desaparecer o subsídio de férias, por essa razão dever-se-ia ins-

tituir um 14º mês, não sujeito a IRS e Segurança Social para ajudar a enfrentar o fim das férias, já que no final de setembro os contribuintes vão ter de lidar com o pagamento por conta de IRS, IMI, AIMI e para alguns ainda o IUC, não esquecendo de todos os custos escolares. Não há dúvida que o mês de setembro é bastante intenso.

Com o subsídio de Natal teríamos o 15º mês, mas ficaríamos melhor se a lei possibilitasse o pagamento de um 14º mês sem estar sujeito também a IRS e Segurança Social, pois quem beneficiasse deste vencimento extra poderia de forma mais plena viver o mês de agosto fiscal e enfrentar o mês de setembro com outro à vontade.

Ora, bem tudo isto é possível, pois ainda vamos a tempo de incluir tudo isto no próximo orçamento de Estado, e uma vez que isto não provoca perda de receita ao estado, não há razão para que não possa ser incluído.

Boas férias e bom mês de agosto.



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Pronto para tornar sua marca inesquecível?
A Amostra de Letras tem experiência e criatividade para ajudar a sua marca a causar um impacto duradouro. Deixe-nos ajudá-lo a expandir os seus negócios e a posicionar-se no mercado.

Entre em contacto para discutir o potencial da sua marca.
info@amostradeletras.pt

amostra
deletras.pt



Portugal is a perfect destination



You can live better with less money, enjoy a superior quality of life and experience a vibrant and diverse culture.

Get your
number
one agency

Ei![®]
Assessoria
Migratória

eimigrante.pt